

UM PASSO À FRENTE

COLLEN McCULLOUGH

UM PASSO À FRENTE

Tradução de
Elsa T. S. Vieira



Título original: *On, Off*

© 2006, por Colleen McCullough

Todos os direitos de publicação desta obra em Portugal reservados por:



Denominação Social — **DIFEL 82 — Difusão Editorial, S. A.**

Sede Social — Avenida das Tulipas, n.º 40-C

Miraflores

1495 Algés — Portugal

Telef.: 21 412 35 10

Fax: 21 412 35 19

E-mail: difel@difel.pt

Capital Social — € 300 000,00 (trezentos mil euros)

Contribuinte n.º — 501 378 537

Matrícula n.º 8680 — Conservatória do Registo Comercial de Oeiras

Capa: Design de José Manuel Reis sobre fotografia de Joseph Helfenberger/Dreamstime

Composição: *Júlio de Carvalho* – Artes Gráficas

Impressão e acabamento: Tilgráfica, Braga

Depósito Legal n.º 244223/06

ISBN 972-29-0797-2/Julho de 2006

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização do Editor



Para Helen Sanders Brittain,
com boas recordações dos velhos tempos
e muito amor.

Parte Um

Outubro e Novembro
de 1965

Capítulo Um

Jimmy acordou gradualmente, consciente ao princípio apenas de uma coisa: o frio glacial. Tinha os dentes a bater, o corpo dorido, os dedos das mãos e dos pés entorpecidos. E por que não conseguia ver? *Por que não conseguia ver?* À sua volta a escuridão era de breu, uma escuridão densa como nunca vira igual. À medida que despertava, apercebeu-se também de que estava aprisionado em algo apertado, malcheiroso, estranho. *Embruhlado!* O pânico instalou-se e começou a gritar, a debater-se freneticamente contra o que quer que fosse que o prendia. O material rompeu-se e rasgou-se mas, quando o frio tenebroso persistiu mesmo depois de ter conseguido libertar-se, o terror enlouqueceu-o. Havia outras coisas à sua volta, o mesmo tipo de barreiras malcheirosas, mas por mais que gritasse, rompesse, rasgasse, não conseguia encontrar uma saída, não conseguia ver uma partícula de luz nem sentir uma baforada de calor. Então gritou, rompeu, rasgou, com o coração a bater de forma ensurdecadora nos ouvidos, o silêncio quebrado apenas pelos ruídos que ele próprio fazia.

*

Otis Green e Cecil Potter vieram juntos para o trabalho, depois de se encontrarem na Eleventh Street e se terem cumprimentado com

um grande sorriso. Eram sete da manhã, mas não era fantástico não ter de picar um relógio de ponto? O seu local de trabalho era civilizado, caramba, quanto a isso não havia discussão. Puseram as marmitas do almoço no pequeno armário metálico que lhes tinham reservado para uso próprio – não havia necessidade de fechaduras, aqui não havia ladrões. Depois começaram o trabalho do dia.

Cecil conseguia ouvir os seus bebês a chamarem por ele; dirigiu-se directamente à porta e abriu-a, falando com eles em voz terna.

– Olá, rapazes! Como vai isso, hã? Dormiram todos bem?

A porta ainda estava a fechar-se com um silvo atrás de Cecil quando Otis começou a tratar do trabalho menos agradável do seu dia: esvaziar o frigorífico. O balde de plástico com rodas tinha um cheiro limpo e fresco; pôs-lhe um saco novo e empurrou-o até junto da porta do frigorífico, uma porta de aço pesada, com um manípulo de pressão. O que aconteceu a seguir foi uma espécie de mancha confusa: algo passou por ele num relâmpago quando abriu a porta, guinchando como um demónio.

– Cecil, anda cá! – gritou. – O Jimmy ainda está vivo, temos de o apanhar!

O grande macaco estava num estado de frenesim inarticulado, mas, depois de Cecil falar um pouco com ele e lhe estender os braços, Jimmy saltou para eles, a tremer, com os guinchos a transformarem-se em gemidos.

– Céus, Otis – disse Cecil, embalando o animal como um pai embalaria um filho –, como é que o doutor Chandra não viu isto? O pobrezinho passou a noite inteira fechado no frigorífico. Pronto, Jimmy, pronto! O papá está aqui, meu querido, agora está tudo bem!

Ambos os homens estavam chocados, e o coração de Otis batia desvairadamente, mas não houve danos graves. O doutor Chandra ficaria contente por Jimmy afinal não ter morrido, pensou Otis, voltando ao frigorífico. Jimmy valia cem notas das grandes.

Mesmo dois fanáticos da limpeza como Cecil e Otis não conseguiam eliminar do frigorífico o cheiro a morte, por mais que o esfre-

gassem com desinfetante e desodorizante. O fedor, não de decomposição, mas de algo mais subtil, envolveu Otis quando este acendeu a luz, revelando o interior da câmara de aço. Oh, raios, Jimmy tinha provocado um belo caos! Havia sacos de papel rasgados espalhados por todo o lado, carcaças de ratos sem cabeça, com pêlos brancos e rígidos, caudas obscenamente nuas. E, por trás das dezenas de sacos de ratos, dois sacos muito maiores, também rasgados. Com um suspiro, Otis foi buscar mais sacos a um armário e começou a arrumar a confusão criada por Jimmy. Depois de os ratos mortos estarem de novo devidamente ensacados, enfiou o braço na câmara gelada e puxou para a frente o primeiro dos dois sacos maiores. Tinha sido rasgado de cima a baixo e a maior parte do seu conteúdo estava à vista.

Otis abriu a boca e soltou um grito tão agudo como o de Jimmy. Ainda estava a gritar quando Cecil saiu a correr da sala dos macacos. Depois, sem parecer reparar em Cecil, deu meia volta e saiu a correr da ala dos animais, ao longo dos corredores, até ao vestíbulo, saindo pela porta da rua, as pernas a abrirem e a fecharem numa correria extenuante ao longo de Eleventh Street, até à sua casa, no segundo andar de um velho prédio de três andares.

*

Celeste Green estava a beber café com o sobrinho quando Otis irrompeu pela cozinha; levantaram-se ambos de um salto e Wesley esqueceu por completo a sua diatribe apaixonada sobre os crimes do homem branco. Celeste foi buscar os sais de cheiro enquanto Wesley ajudava Otis a sentar-se numa cadeira. Quando ela voltou com o frasco, empurrou bruscamente Wesley para o lado.

– Sabes qual é o teu problema, Wes? Estás sempre no caminho! Se não andasses sempre a atrapalhar o Otis, ele não diria que não prestas para nada! Otis! Otis, querido, acorda!

O rosto de Otis, normalmente de um tom castanho quente e profundo, estava agora de um cinzento pastoso que não melhorou quando

os vapores de amoníaco lhe entraram pelo nariz. No entanto, acordou e afastou a cabeça.

– O que foi? O que se passa? – estava Wesley a perguntar.

– Um pedaço de mulher – murmurou Otis.

– Um quê? – perguntou Celeste em tom cortante.

– Um pedaço de mulher. No frigorífico, no trabalho, com os ratos mortos. Uma vagina e uma barriga. – Começou a tremer.

Wesley fez a única pergunta que, para ele, era importante.

– Era uma mulher branca ou uma mulher negra?

– Não o aborreças com isso, Wes! – gritou Celeste.

– Não era negra – disse Otis, levando as mãos ao peito. – Mas também não era branca. Mestiça – acrescentou, escorregando pela cadeira e tombando no chão.

– Chama uma ambulância! Depressa, Wes, *chama uma ambulância!*

Ambulância essa que chegou rapidamente, devido a dois golpes de sorte: primeiro, o Hospital de Holloman ficava logo ao virar da esquina e, segundo, havia pouco que fazer a esta hora da manhã. Ainda bem vivo, Otis Green foi colocado dentro da ambulância com a mulher agachada ao seu lado; o apartamento ficou por conta de Wesley le Clerc.

Mas Wesley não se demorou em casa; não quando tinha notícias destas. Mohammed el Nesr vivia no número dezoito de Fifteenth Street, e tinha de lhe ir contar. Um pedaço de mulher! Não era negra, mas também não era branca. Mestiça. Isso queria dizer negra, para Wesley, bem como para todos os membros da Brigada Negra de Mohammed. Estava mais do que na altura de os brancos serem chamados a pagar por mais de duzentos anos de opressão, por tratarem os negros como cidadãos de segunda categoria, até mesmo como animais sem almas imortais.

Quando saíra da prisão, em Luisiana, Wesley decidira vir para norte, para a casa da tia Celeste, no Connecticut. Ansiava por construir uma reputação de negro importante, o que era mais fácil numa

zona do país onde a tendência para atirar os negros para a cadeia por um mero olhar de esguelha fosse menor do que na Luisiana. O Connecticut era onde estavam Mohammed el Nesr e a sua Brigada Negra. Mohammed era culto, tinha um doutoramento em Direito – ele *conhecia* os seus direitos! Mas, por razões que Wesley via todos os dias quando olhava para um espelho, Mohammed el Nesr ignorava Wesley, considerava-o um inútil. Um negro de plantação, um zé-ninguém. O que não arrefecera o ardor de Wesley; tentava provar o seu valor em Holloman, Connecticut! De forma a que Mohammed um dia o admirasse, a *ele*, Wesley le Clerc, negro de plantação.

Cecil Potter rapidamente descobriu o que fizera Otis sair aos gritos da ala dos animais, mas não era homem de entrar em pânico. Não tocou no conteúdo do frigorífico nem chamou a polícia. Pegou no telefone e marcou o número da extensão do professor, sabendo perfeitamente que este estaria no seu gabinete, apesar de ainda ser cedo. Ele costumava dizer que o seu único momento de sossego era de manhã. «Mas não esta manhã», pensou Cecil.

*

– É um caso triste – disse o tenente Carmine Delmonico ao seu colega uniformizado e superior em posto, capitão Danny Marciano. – Sem outros familiares, pelo menos que consigamos encontrar, as crianças têm de ser entregues a uma instituição.

– Tens a certeza de que foi ele?

– Absoluta. O pobre tipo tentou fazer com que parecesse que tinha sido um estranho qualquer a entrar por arrombamento, mas lá estava a mulher dele na cama com o amante; o amante está um bocado maltratado, mas ela está feita em carne picada... foi ele, sem dúvida. Aposto que ainda hoje confessará voluntariamente.

Marciano levantou-se.

– Então vamos tomar o pequeno-almoço.

O telefone dele tocou. Marciano olhou para Carmine de sobran-
celhas franzidas e atendeu. Três segundos depois o capitão da polícia
estava rígido e perdera todo o ar de satisfação.

– Silvestri! – murmurou a Carmine, e começou a acenar com a
cabeça. – Claro, John. Vou mandar o Carmine agora e o Patsy logo
que puder.

– Problemas?

– Dos grandes. O Silvestri acaba de receber um telefonema do
director do Hug, o professor Robert Smith. Encontraram parte de um
corpo de mulher no frigorífico dos animais mortos.

– Meu Deus!

Os sargentos Corey Marshall e Abe Goldberg estavam a tomar o
pequeno-almoço no Malvolio's, o restaurante que os polícias usa-
vam por ficar ao lado da sede, o edifício dos Serviços Municipais em
Cedar Street. Carmine não se deu ao trabalho de entrar: bateu com
os nós dos dedos no vidro da montra, atrás da qual Abe e Corey esta-
vam a empurrar panquecas cobertas de xarope de ácer com grandes
canecas de café. «Felizardos», pensou. «Eles podem comer, eu tive de
entregar o meu relatório a Danny e agora não tenho tempo. A anti-
guidade é uma chatice.»

O carro que Carmine considerava seu (era, na realidade, um
carro não identificado do Departamento da Polícia de Holloman) era
um *Ford Fairlane* com um motor V8 modificado e amortecedores e
suspensão especiais. Quando iam os três nele, era sempre Abe que
conduzia, com Corey no lugar do pendura e Carmine instalado mais
à vontade, com os seus papéis, no banco de trás. Contar a Abe e a
Corey demorou meio minuto; a viagem de Cedar Street até ao Hug
menos de cinco.

*

Holloman ficava mais ou menos a meio da costa do Connecti-
cut, com o seu vasto porto voltado para Long Island, do outro lado

do estreito. Fundada por puritanos dissidentes em 1632, a cidade prosperara sempre, e não apenas devido às inúmeras fábricas existentes nos seus arredores e ao longo do rio Pequot. Uma boa parte dos seus cento e cinquenta mil habitantes estava ligada, de alguma forma, à Universidade Chubb, uma instituição da Ivy League¹ que não admitia ser considerada inferior a nenhuma outra, nem mesmo a Harvard ou Princeton. A cidade e os trajes universitários estavam inextrincavelmente ligados.

O principal *campus* da Universidade Chubb ocupava três lados do grande relvado. Os edifícios, do princípio do período jorgiano e do gótico do século dezanove, erguiam-se lado a lado com outros de uma modernidade chocante, tolerados apenas devido aos augustos nomes dos arquitectos ligados a cada um; mas havia também a Colina da Ciência, a leste, onde ficava o *campus* de ciências, instalado em torres quadradas de tijolo escuro e vidro, e, do outro lado da cidade, a oeste, a Faculdade de Medicina da Chubb.

Uma vez que as faculdades de Medicina cresciam sempre junto a hospitais, em 1965 a tendência era para estarem situadas na parte pior de qualquer cidade. Neste aspecto, Holloman não era diferente. A Faculdade de Medicina da Chubb e o Hospital de Holloman estendiam-se ao longo da Oak Street, na fronteira sul do maior dos dois guetos negros de Holloman, conhecido como Buraco porque ficava num buraco onde, em tempos, existira um pântano. Para agravar os problemas dos prestadores de cuidados de saúde, em 1960 os reservatórios de petróleo de East Holloman tinham sido transferidos para o fundo da Oak Street, um terreno baldio entre a estrada I-95 e o porto.

O Centro de Investigação Neurológica Hughlings Jackson ficava em Oak Street, mesmo em frente à residência Shane-Driver para estudantes de Medicina, constituída de cem apartamentos para cem

¹ Liga de instituições de ensino no Nordeste dos Estados Unidos, com reputação de grandes feitos académicos e prestígio social. (*N. da T.*)

estudantes. Ao lado da Shane-Driver encontrava-se o Pavilhão Parkinson de investigação médica. Estava voltado para o vizinho do Hug, o Hospital de Holloman, um grande edifício de doze andares que fora reconstruído em 1950, o mesmo ano que vira o Hug ser erigido.

– Porque é que lhe chamam Hug? – perguntou Corey, enquanto o *Ford* entrava na estrada provisória que atravessava um gigantesco parque de estacionamento.

– Por serem as primeiras três letras de Hughlings, acho eu – disse Carmine.

– *Hug*? Não tem qualquer dignidade. Porque não as primeiras quatro letras? Assim ficaria Hugh.

– Pergunta ao professor Smith – disse Carmine, os olhos postos no caminho.

O Hug era idêntico, embora mais baixo e pequeno, à Torre de Biologia Burke e à Torre de Ciências Susskind, ambas situadas do outro lado do *campus*, na Colina das Ciências; um edifício quadrado e atarracado de tijolo escuro, com inúmeras janelas grandes de vidro. Ocupava 121,41 ares daquilo que fora anteriormente um bairro de lata, demolido para dar lugar a este monumento que perpetuava o nome de um homem misterioso que não tinha tido absolutamente nada a ver com a sua génese. Quem diabo fora este Hughlings Jackson? Uma pergunta que toda a cidade de Holloman fazia. Por direito, o Hug devia ter sido baptizado com o nome do seu doador, o fabulosamente rico e já falecido Mr. William Parson.

Uma vez que não tinham a chave do portão do parque de estacionamento, Abe deixou o *Ford* em Oak Street, mesmo em frente ao edifício, o qual não tinha entrada por esta rua. Os três homens percorreram um caminho de gravilha ao longo do seu lado norte, até uma porta de vidro onde uma mulher muito alta os aguardava.

«É como um bloco de uma construção de crianças no meio de uma sala enorme», pensou Carmine. Cento e vinte e um ares é muito terreno para algo com apenas trinta metros de lado. E, merda, ela tem um bloco de notas na mão. Administrativa, não médica.» A mente de

Carmine registava automaticamente os detalhes físicos de todas as pessoas que nadavam no seu pedaço de mar humano, mantendo-se, portanto, ocupada enquanto a mulher se aproximava deles: um metro e noventa descalça, trinta e poucos anos, fato azul de calças e casaco, um pouco largo demais, sapatos rasos de atacadores, cabelo castanho-acinzentado, um rosto com um nariz a dar para o grande e queixo proeminente. Nunca teria chegado a Miss Holloman dez anos antes, muito menos a Miss Connecticut. No entanto, quando parou em frente dela, Carmine reparou que tinha olhos muito bonitos e interessantes, de um azul especial, uma tonalidade que sempre achara muito bonita.

– Sargentos Marshall e Goldberg. Eu sou o tenente Carmine Delmonico – disse secamente.

– Desdemona Dupre, gestora de operações – respondeu ela enquanto os conduzia para um pequeno vestíbulo que, aparentemente, existia apenas para acomodar dois elevadores. Mas, em vez de carregar no botão para chamar o elevador, abriu uma porta na parede oposta e introduziu-os num corredor largo.

– Este é o rés-do-chão, onde ficam as instalações de cuidados animais e as oficinas – disse ela. O sotaque identificava-a como originária do outro lado do Atlântico. Virou para outro corredor e apontou para um par de portas mais abaixo. – Ali está, a ala de cuidados animais.

– Obrigado – disse Carmine. – Nós continuamos sozinhos. Por favor, espere por mim junto dos elevadores.

Ela ergueu as sobrancelhas mas deu meia volta e desapareceu sem fazer comentários.

Carmine viu-se numa sala muito grande, com as paredes forradas de armários e caixas. Numa área voltada para um elevador de serviço, muitas vezes maior do que os dois do vestíbulo, erguiam-se filas de prateleiras altas com gaiolas limpas, suficientemente grandes para um gato ou um cão. Outras tinham caixas de plástico com redes por cima. A sala cheirava bem, um aroma penetrante, como

uma floresta de pinheiros, com apenas uma leve sugestão de algo menos agradável.

Cecil Potter era um homem bem parecido, alto, magro, muito bem arranjado, com um fato-macaco branco engomado e botinas de lona. «Os seus olhos», pensou Carmine, «sorriam muito, embora não estivessem a sorrir agora.»

Uma das políticas mais importantes de Carmine, neste ano de agitação crescente, era que as pessoas negras que encontrava no decurso do seu trabalho ou da sua vida social fossem tratadas de forma cortês; estendeu a mão, apertou a de Cecil com firmeza, fez as apresentações sem usar um tom seco e sem se apressar. Corey e Abe eram os seus homens, para o que desse e viesse, e seguiram as mesmas regras de cortesia.

– Está aqui – disse Cecil, dirigindo-se a uma porta metálica com um manípulo de pressão. – Não toquei em nada; limitei-me a fechar a porta. – Hesitou, depois decidiu arriscar: – Ah... tenente, importa-se que eu volte para junto dos meus bebês?

– Bebês?

– Os macacos. *Macaques*. *Rhesus* diz-lhe alguma coisa? Bom, são eles. Estão ali dentro e estão muito agitados. O Jimmy não pára de lhes dizer onde esteve e eles estão muito agitados.

– Jimmy?

– O macaco que o doutor Chandra pensava que estava morto e pôs num saco dentro do frigorífico, ontem à noite. Na verdade, foi o Jimmy que a encontrou... virou tudo do avesso quando acordou no escuro, cheio de frio. Quando o Otis... é o meu assistente e faz-tudo... foi esvaziar o frigorífico, o Jimmy saiu de lá aos berros e aos guinchos. Depois o Otis encontrou-a, e saiu daqui a berrar ainda mais alto do que o Jimmy. Eu espreitei e depois chamei o professor. Suponho que foi o professor que vos chamou.

– Onde está o Otis? – perguntou Carmine.

– Se bem o conheço, foi a correr para a Celeste. É ao mesmo tempo mulher e mãezinha dele.

Entretanto, tinham calçado as luvas. Abe afastou o caixote da porta e Carmine abriu-a enquanto Cecil, emitindo sons tranquilizadores, entrava na sala dos macacos.

Um dos dois grandes sacos ainda estava ao fundo da câmara. O outro, rasgado de cima a baixo, deixara exposta a metade inferior de um torso feminino. Quando Carmine reparou no seu tamanho e na ausência de pêlos púbicos, sentiu um aperto no coração – uma criança na pré-puberdade? Oh, por favor, isso não! Não fez qualquer menção de tocar em nada; limitou-se a encostar os ombros à parede.

– Vamos esperar pelo Patrick – disse.

– Nunca senti um cheiro assim... de morte, mas não de decomposição – disse Abe, ansioso por fumar um cigarro.

– Abe, vai à procura de Mrs. Dupre e diz-lhe que pode subir assim que os rapazes de uniforme chegarem – disse Carmine, que conhecia bem aquela expressão. – Coloca-os em todas as entradas e saídas de emergência. – Depois, sozinho com Corey, revirou os olhos. – Porquê ali dentro? – perguntou.

*

Patrick O'Donnell esclareceu-o.

Ostentando o moderno título de Examinador Médico numa cidade que sempre tivera um médico legista sem capacidades forenses, Patrick abraçara a Patologia porque não gostava de pacientes que lhe respondessem, e seguira a vida de patologista público porque isso significava muitos casos criminais, bem como todas as outras espécies de mortes súbitas ou misteriosas. Graças à sua campanha implacável para arrastar Holloman para a segunda metade do século vinte, Patrick conseguira delegar a um dos seus assistentes a maior parte dos deveres do médico-legista em tribunal, e construía um pequeno império que abrangia muito mais do que meras autópsias. Acreditava na nova ciência forense e desempenhava um papel activo

em qualquer caso que lhe interessasse, mesmo que não houvesse qualquer corpo envolvido.

Tinha uma aparência tão irlandesa como o seu nome, desde o cabelo arruivado aos olhos azuis-claros, mas na verdade ele e Carmine eram primos direitos, filhos de duas irmãs de origem italiana. Uma casara com um Delmonico; a outra com um O'Donnell. Dez anos mais velho do que Carmine, com um casamento feliz e seis filhos, Patrick não deixava que nenhum destes embaraços estragasse a amizade profunda que existia entre ambos.

– Não sei muito, mas aqui está o que sei – disse Carmine, e pô-lo a par dos detalhes. – Porquê ali dentro? – repetiu no fim.

– Porque se Jimmy, o macaco, não tivesse acordado dos mortos e tido um ataque de pânico, aqueles dois sacos castanhos, sem qualquer etiqueta e intactos, teriam sido deitados num receptáculo qualquer e levados para a incineradora de animais – disse Patrick com uma careta. – É a forma perfeita de alguém se ver livre de um corpo humano. Puf! Transformado em fumo.

Abe regressou a tempo de ouvir isto e empalideceu.

– Credo! – murmurou, horrorizado.

Depois de tirar as fotografias, Patrick transferiu o primeiro saco para uma maca com rodas e enfiou-o dentro de um saco para cadáveres, sem o fechar. Depois examinou o que conseguia ver sem mexer no papel castanho rasgado.

– Não tem pêlos púbicos – disse Carmine. – Patsy, se gostas de mim, diz-me que não é uma criança.

– Os pêlos... não estão rapados... foram arrancados, portanto ela já passou a fase da puberdade. Mas é uma rapariga pequena. Como se o que o nosso assassino quisesse realmente é que fosse uma criança, mas não tivesse tido coragem para levar para a frente todos os seus desejos repugnantes. – Levantou o segundo saco, menos destruído, e colocou-o ao lado do primeiro. – Vou voltar para a morgue. Estou certo de que queres o meu relatório o mais depressa possível. – O seu técnico principal, Paul, já estava a preparar-se para aspirar o interior

da câmara; depois, procuraria impressões digitais. – Empresta-me também o Abe e o Corey, Carmine, e podemos deixar o Cecil prosseguir com o seu trabalho. À excepção dos macacos, devem ter os animais de teste noutra lado... estas são as gaiolas do dia, limpas e prontas a seguir.

– Não deixem pedra sobre pedra, rapazes – disse Carmine, seguindo o primo e a maca com o seu macabro conteúdo para o exterior da sala.

Desdemona Dupre – que nome estranho! – estava à espera no vestíbulo, a folhear um volumoso maço de papéis preso na sua prancha de escrita.

– Mrs. Dupre, este é o Dr. Patrick O’Donnell – apresentou Carmine.

A mulher eriçou-se!

– Não sou Mistress, sou Miss! – disse em tom seco, com o sotaque ainda mais acentuado. – Vai subir comigo, tenente, ou posso ir? Tenho trabalho para fazer.

– Falamos mais tarde, Patsy – disse Carmine, seguindo Miss Dupre até ao elevador.

– É de... hã... Inglaterra? – perguntou-lhe enquanto subiam.

– Exacto.

– Há quanto tempo está no Hug?

– Cinco anos.

Deixaram o elevador no quarto andar, o último, embora houvesse mais um botão com a etiqueta «TELHADO». Aqui percebia-se melhor a decoração interior do Hug. Era pouco diferente do rés-do-chão: paredes pintadas de um tom creme, madeiras escuras de carvalho, filas de lâmpadas fluorescentes no tecto, por trás de difusores de plástico. Seguiram ao longo de um corredor idêntico ao do primeiro andar, até uma porta situada para lá do seu final, depois de se passar por outro vestíbulo em ângulos rectos.

Miss Dupre bateu, uma voz mandou-a entrar e ela empurrou Carmine para os domínios privados do professor Smith, sem entrar ela própria.

Carmine viu-se a olhar para um dos homens mais extraordinariamente atraentes que alguma vez conhecera. Robert Mordent Smith, regente da cadeira William Parson do Centro de Investigação Neurológica Hughlings Jackson, media mais de um metro e oitenta de altura, era magro e tinha um rosto inesquecível: uma estrutura óssea fantástica, sobranceiras e pestanas negras, olhos azuis vivos e cabelo grisalho ondulado. Em alguém suficientemente jovem para ainda não ter rugas, o cabelo conferia-lhe uma aura de perfeição. O sorriso revelava dentes brancos e regulares, embora esta manhã não chegasse àqueles olhos maravilhosos. Não era de admirar.

– Café? – perguntou ele, indicando a Carmine a grande e dispendiosa cadeira, em frente à sua grande e dispendiosa secretária.

– Sim, obrigado. Sem natas nem açúcar.

Enquanto o professor pedia dois cafés simples pelo intercomunicador, Carmine inspeccionou a sala, um amplo escritório de seis metros por sete, com enormes janelas em duas das paredes. O gabinete do professor ocupava o canto nordeste do andar, pelo que tinha vista para o Buraco, para a residência Shane-Driver e para o parque de estacionamento. A decoração era cara mas despreziosa, com mobília de noqueira e um tapete Aubusson. Numa parede às riscas verdes havia uma exposição imponente de certificados, diplomas e distinções académicas, e, por trás da secretária, o que parecia ser uma cópia excelente de uma paisagem de Watteau.

– Não é uma cópia – disse o professor, seguindo o olhar de Carmine. – Tenho-o por empréstimo da Colecção William Parson, a maior e melhor colecção de arte europeia na América.

– Uau – disse Carmine, pensando na gravura barata de Van Gogh que tinha por trás da sua secretária.

Uma mulher de trinta e poucos anos entrou, com um tabuleiro de prata no qual trazia uma garrafa-termo, duas chávenas delicadas com os respectivos pires, dois copos de cristal e uma garrafa de cristal com água fresca. Tratavam bem as visitas no Hug, sem dúvida!

A mulher era uma brasa vestida de forma severa, pensou Carmine, examinando-a: cabelo preto penteado num carrapito, um rosto largo, suave, para o achatado, com olhos cor de avelã e um corpo magnífico. O fato de saia e casaco era de bom corte, justo, e os sapatos eram Ferragamo de saltos rasos. O facto de Carmine saber estas coisas podia ser atribuído a uma longa carreira numa profissão que exigia um conhecimento íntimo de todos os aspectos do ser humano e do seu comportamento. Esta mulher era aquilo a que a sua mãe chamaria uma devoradora de homens, embora não parecesse ter o mínimo apetite pelo professor.

– Miss Tamara Vilich, a minha secretária – disse o professor.

Nem o mínimo apetite por Carmine Delmonico, também! Ela sorriu, acenou levemente com a cabeça e saiu sem se demorar.

– Duas mulheres maduras e solteiras na sua equipa – disse Carmine.

– São simplesmente fantásticas, quando é possível encontrá-las – disse o professor, que parecia ansioso por adiar o motivo desta entrevista. – Uma mulher casada tem responsabilidades familiares que, por vezes, tendem a interferir com o seu horário de trabalho. As mulheres solteiras, por outro lado, entregam-se completamente ao trabalho... não se importam de trabalhar até tarde sem aviso prévio, por exemplo.

– Mais combustível para o motor, estou a compreender – disse Carmine. Bebeu um gole do café, que estava horrível. Não que estivesse à espera que fosse bom. O professor, observou, bebia água da graciosa garrafa, embora tivesse servido ele próprio o café a Carmine.

– Professor, esteve na sala dos animais para ver aquilo que lá foi encontrado?

O professor empalideceu e abanou energicamente a cabeça.

– Não, não, claro que não! O Cecil chamou-me para me dizer o que o Otis tinha encontrado e eu telefonei de imediato ao comissário Silvestri. Mas lembrei-me de dizer ao Cecil para não deixar entrar ninguém na sala enquanto a polícia não chegasse.

– E já encontrou o Otis... Otis quê?

– Green. Otis Green. Parece que teve um ligeiro ataque cardíaco. De momento está no hospital. No entanto, o cardiologista diz que não foi grave, pelo que deverá ter alta dentro de dois ou três dias.

Carmine pousou a chávena e recostou-se na cadeira forrada, as mãos cruzadas no colo.

– Fale-me sobre o frigorífico dos animais mortos, professor.

Smith pareceu um pouco confuso; era evidente que estava a ter de recorrer a reservas interiores de coragem; «talvez», pensou Carmine, «o seu tipo de coragem não fosse o melhor para lidar com uma crise envolvendo assassínio, mas apenas comités de bolsas e investigadores ineptos. Ao longo de quantas recepções da Chubb tive de os ouvir!»

– Bom, todos os institutos de pesquisa têm um frigorífico deses. Ou, se for uma unidade mais pequena, partilha um com outros laboratórios próximos. Somos investigadores e, uma vez que por questões éticas não podemos usar seres humanos como cobaias, usamos animais considerados abaixo de nós na escala evolucionária. O tipo de animal depende do tipo de pesquisa... porquinhos-da-índia para investigações relacionadas com pele, coelhos para pulmões e por aí fora. Uma vez que aqui estamos interessados em epilepsia e atrasos mentais, e essas doenças se situam no cérebro, os nossos animais de testes são ratos, gatos e primatas... aqui no Hug, especificamente, macacos. No fim de um projecto experimental, as criaturas são sacrificadas... com extremo cuidado e bondade, apresso-me a acrescentar. As carcaças são colocadas em sacos especiais e levadas para o frigorífico, onde ficam até às sete da manhã de cada dia de semana. A essa hora, o Otis esvazia o frigorífico para um receptáculo e leva-o pelo túnel até ao Pavilhão Parkinson, onde ficam as instalações principais de cuidados animais da Faculdade de Medicina. O incinerador que crema todas as carcaças animais faz parte da ala de cuidados animais do Pavilhão, mas também é usado pelo hospital, que envia membros amputados e esse tipo de coisas.

O tom do seu discurso é tão formal, pensou Carmine, que fala como se estivesse a ditar uma carta importante.

– O Cecil disse-lhe como os restos humanos foram descobertos?
– perguntou.

– Sim. – A expressão do professor estava a começar a parecer aflita.

– Quem tem acesso ao frigorífico?

– Qualquer pessoa aqui no Hug, embora duvide que possa ser usado por alguém do exterior. As nossas entradas são poucas e estão trancadas.

– Porquê?

– Meu caro tenente, somos o último edifício da linha escola-hospital em Oak Street! Por trás de nós fica o Buraco e a Eleventh Street. Uma vizinhança pouco agradável, como deve certamente saber.

– Reparei que também lhe chama Hug, professor. Porquê?

A boca ligeiramente trágica estremeceu.

– A culpa é do Frank Watson – disse por entre os dentes.

– Quem é ele?

– Professor de Neurologia na Faculdade de Medicina. Quando o Hug abriu, em mil novecentos e cinquenta, ele queria chefiá-lo, mas o nosso benfeitor, o falecido William Parson, foi inflexível no seu desejo de que esta regência fosse para alguém com experiência em epilepsia e atrasos mentais. Uma vez que a área do Watson são as doenças desmielinizantes, naturalmente que não era a pessoa certa. Eu disse a Mr. Parson que devia ter escolhido um nome mais fácil de pronunciar do que Hughlings Jackson, mas ele estava decidido. Oh, um homem muito decidido, sempre! Claro que seria de esperar que o nome fosse abreviado, mas pensei que lhe chamassem o Hughlings, ou o Hugh. No entanto, Frank Watson conseguiu uma pequena vingança. Achou que seria terrivelmente engraçado chamar-lhe o Hug, e o nome pegou. *Pegou!*

– Exactamente quem é ou era Hughlings Jackson, senhor?

– Um neurologista britânico pioneiro, tenente. A sua mulher tinha um tumor de crescimento lento na faixa motora... o feixe anterior ao Sulco de Rolando que representa a extremidade cortical da função motora voluntária do corpo... ou seja, os músculos.

«Não compreendo uma única palavra disto», pensou Carmine, enquanto a voz monocórdica prosseguia, «mas acham que ele se importa? Nada.»

– Os ataques epiléticos de Mrs. Jackson eram de um tipo muito curioso – prosseguiu o professor. – Limitavam-se a um lado do corpo. Começavam num lado do rosto, desciam para o braço e mão desse mesmo lado e, finalmente, afectavam a perna. Ainda são conhecidos como convulsões jacksonianas. A partir delas, Jackson formulou as primeiras hipóteses sobre a função motora, sugerindo que cada parte do corpo tem o seu lugar próprio e invariável no córtex cerebral. No entanto, o que impressionou as pessoas foi a forma infatigável como se sentava junto ao leito da mulher moribunda, hora após hora, tirando apontamentos sobre os seus ataques, com uma atenção minuciosa aos detalhes. O investigador por excelência.

– Bastante desumano, se quer saber a minha opinião – disse Carmine.

– Eu prefiro chamar-lhe dedicação – retorquiu Smith em tom gelado.

Carmine levantou-se.

– Ninguém pode sair deste edifício sem a *minha* permissão. Isto também o inclui a si, senhor. Há polícia em todas as entradas, incluindo no túnel. Sugiro que não fale a ninguém sobre o que aconteceu.

– Mas não temos cantina! – exclamou o professor. – O que hão-de as pessoas fazer em relação ao almoço, se não tiverem trazido nada de casa?

– Um dos polícias pode tomar nota dos pedidos e ir buscar comida. – Fez uma pausa à porta e olhou para trás. – Receio que tenhamos de recolher as impressões digitais de toda a gente. Um

inconveniente pior do que o almoço, mas tenho a certeza de que compreende.

*

Os escritórios, laboratórios e morgue do Examinador Médico de Holloman ficavam no edifício dos Serviços Municipais, que também albergava o Departamento da Polícia de Holloman.

Quando Carmine entrou na morgue, viu dois pedaços de um torso feminino, encostados um ao outro, em cima de uma mesa de autópsias metálica.

– Bem nutrida, rapariga mestiça com cerca de dezasseis anos – disse Patrick. – Ele depilou-lhe o monte-de-vénus antes de introduzir o primeiro de vários instrumentos... talvez vibradores, talvez pénis ocos... é difícil dizer. Ela foi violada várias vezes por objectos cada vez maiores, mas duvido que tenha morrido disso. Há tão pouco sangue nas partes que temos do corpo, que desconfio que tenha sido sangrada como um animal abatido numa quinta. Não temos braços nem mãos, nem pernas, nem pés, nem cabeça. Estes dois pedaços foram escrupulosamente lavados. Até agora não encontrei vestígios de sémen, mas há tantas contusões e inchaços nessa zona... ela também foi violada analmente... que vou precisar de um microscópio. O meu palpite é que não vamos encontrar sémen. Ele usou luvas e possivelmente pénis ocos como preservativos. Se é que chegou a atingir o orgasmo.

A pele da rapariga era da encantadora tonalidade chamada café com leite, apesar de estar descolorada pela ausência de sangue. As ancas eram largas, a cintura estreita, os seios lindos. Tanto quanto Carmine conseguia ver, não exibia quaisquer lesões para além da área púbica – nem nódoas negras, nem cortes, nem golpes, nem dentadas, nem queimaduras. Mas, sem os braços e pernas, era impossível dizer se tinha sido amarrada.

– A mim parece-me uma criança – disse. – Não uma rapariga crescida.

– Eu diria que media pouco mais de um metro e meio, no máximo. A segunda coisa mais interessante – continuou Patrick –, é que o desmembramento foi feito por um verdadeiro profissional. Um único golpe, com algo como uma faca de talhante ou um bisturi, e olha para as junções da coxa e dos ombros: desarticulação sem força nem traumatismo. – Patrick afastou as duas secções do corpo. – O corte transversal foi feito logo abaixo do diafragma. A cárdia do estômago foi ligada, para impedir o derramamento do conteúdo, e o esófago também. A desarticulação da coluna vertebral é tão profissional como as outras. Não há sangue na aorta nem na veia cava. No entanto – disse, apontando para o pescoço –, a garganta foi cortada algumas horas antes de a cabeça ter sido removida. As jugulares apresentam incisões, mas as carótidas não. Ela deve ter-se esvaído em sangue lentamente, sem esguichar. Pendurada de cabeça para baixo, claro. Quando ele lhe tirou a cabeça, separou-a na junção espinal entre as vértebras C-4 e C-5, o que lhe deixou uma pequena porção de pescoço, bem como todo o crânio.

– Quem me dera que tivéssemos pelo menos os braços e as pernas, Patsy.

– Também eu, mas desconfio que essas partes foram para o frigorífico ontem, juntamente com a cabeça.

O que Carmine disse a seguir foi dito de forma tão segura que Patrick deu um salto.

– Oh, não! Ele ainda tem a cabeça dela. Não se vai separar disso.

– Carmine! Esse tipo de coisa não acontece! Ou, se acontece, é com algum maníaco a oeste das Montanhas Rochosas. Estamos no Connecticut!

– Ele ainda tem a cabeça, venha ele de onde vier.

– Eu diria que ele trabalha no Hug ou, se não no Hug, noutra sítio da Faculdade de Medicina – disse Patrick.

– Um talhante? Um funcionário de um matadouro?

– É possível.

– Disseste «a segunda coisa mais interessante», Patsy. Qual é a primeira?

– Aqui. – Patrick virou a parte inferior do torso e apontou para a nádega direita, onde uma crosta escura, em forma de coração, com cerca de dois centímetros e meio, desfigurava a pele perfeita. – Primeiro pensei que ele tivesse feito o corte aqui de propósito... coração, amor, esse tipo de coisa. Mas não há nenhuma incisão de molde em torno da ferida. É simplesmente um corte limpo transversal, como já vi um homem cortar o mamilo de uma mulher. Por isso pensei se ela não teria ali um nevo, um sinal de nascença mais alto do que a superfície da pele.

– Algo que o ofendesse, que destruísse a perfeição dela – disse Carmine com ar pensativo. – Quem sabe? Talvez não soubesse que ela o tinha até a ter levado para onde lhe fez as coisas horríveis que lhe fez. Depende se foi um engate casual ou se a conhecia antes. Alguma ideia quanto aos antecedentes raciais?

– Não faço ideia, para além de ela ser mais caucasiana do que qualquer outra coisa. Um pouco de sangue negróide ou mongolóide, ou ambos.

– Estás a presumir que era uma prostituta?

– Sem braços para procurar marcas de agulhas, Carmine, é difícil, mas esta rapariga é... não sei, tem um ar *saudável*. Se fosse a ti, procurava nos arquivos de Pessoas Desaparecidas.

– Oh, faço tenções disso – respondeu Carmine, e voltou para o Hug.

*

Por onde começar, tendo em conta que Otis Green só poderia ser interrogado no dia seguinte, na melhor das hipóteses? Por Cecil Potter, então.

– Este emprego é muito bom – disse Cecil, sentado numa cadeira metálica, com Jimmy no joelho, aparentemente indiferente ao facto

de o macaco estar entretido a pentear-lhe o cabelo, passando delicadamente os dedos pela cabeleira densa numa espécie de êxtase concentrado. Jimmy, explicara Cecil, ainda estava muito perturbado devido à provação pela qual passara. Carmine acharia mais fácil lidar com esta cena bizarra se o grande macaco não tivesse meia bola de ténis cravada no alto da cabeça; isso, explicara Cecil, era para proteger o conjunto de eléctrodos implantados no seu cérebro e a tomada fêmea verde-vivo embutida em cimento dentário cor-de-rosa no seu crânio. Não que a meia bola de ténis parecesse incomodar Jimmy, que simplesmente a ignorava.

– O que é que torna este emprego tão bom? – perguntou Carmine, apercebendo-se de que tinha o estômago a roncar. Toda a gente no Hug fora alimentada mas, até agora, Carmine continuava sem pequeno-almoço e sem almoço.

– Sou o patrão – disse Cecil. – Quando trabalhava no Pavilhão Parkinson, era apenas mais um a limpar a porcaria. No Hug, os cuidados com os animais são comigo. Gosto muito, principalmente porque temos os macacos. O doutor Chandra... os macacos são dele, na verdade... sabe que eu sou o melhor tratador de macacos da costa leste, por isso deixa-os por minha conta. Até sou eu que os ponho na cadeira para as sessões. Eles são malucos pelas sessões.

– Não gostam do doutor Chandra? – perguntou Carmine.

– Oh, claro, gostam muito dele. Mas a mim, adoram-me.

– Alguma vez é você a esvaziar o frigorífico, Cecil?

– Algumas vezes, não muitas. Se o Otis vai de férias, contratamos um homem das reservas físicas das instalações do P. P. O Otis não trabalha muito comigo neste piso... é um homem lá de cima. Muda as lâmpadas e também trata dos resíduos perigosos. Eu consigo tratar dos animais neste piso praticamente sozinho, excepto trazer e levar as gaiolas para outros pisos. Os nossos animais têm gaiolas limpas todos os dias, de segunda a sexta-feira.

– Devem odiar os fins-de-semana – disse Carmine em tom solene. – Se o Otis não trabalha muito consigo, como é que limpa as gaiolas?

– Está a ver aquela porta ali, tenente? Vai dar à nossa lavagem de gaiolas. Automática, como uma lavagem de carros, mas melhor. O Hug tem tudo, meu, tudo.

– Voltando ao frigorífico. Quando tem de o esvaziar, Cecil, de que tamanho são os sacos? É estranho ver sacos tão grandes como o... ah...?

Cecil pensou, a cabeça inclinada para um lado, enquanto o macaco aproveitava a oportunidade para espreitar para trás da orelha dele.

– Não é *estranho*, tenente..., senhor, mas é melhor perguntar ao Otis, ele é que é o especialista.

– Viu alguém a pôr sacos no frigorífico, ontem, alguém que não seja habitual fazê-lo?

– Nã. Os investigadores geralmente trazem eles próprios os sacos para baixo depois de o Otis e eu sairmos. Os técnicos também trazem sacos, mas pequenos. Sacos de ratos. A única técnica que traz sacos grandes para baixo é Mrs. Liebman, da sala de operações, mas ontem não trouxe nada.

– Obrigado, Cecil, foi muito útil. – Carmine estendeu a mão ao macaco. – Adeus, Jimmy.

Jimmy estendeu a mão e apertou a de Carmine com expressão grave, os grandes olhos amarelos tão plenos de entendimento que Carmine sentiu um arrepio. Pareciam tão humanos.

– Ainda bem que o senhor é um homem – disse Cecil, rindo, enquanto acompanhava Carmine à porta com Jimmy apoiado na anca.

– Porquê?

– Os meus seis bebés são todos machos e, pá, detestam mulheres! Não suportam ter uma mulher na mesma sala.

*

Don Hunter e Billy Ho estavam a trabalhar juntos nalguma espécie de aparelho complicado, do qual estavam a retirar compo-

nentes electrónicos, extensões de *plexiglass* e uma bomba desenhada para levar uma pequena seringa de vidro. Tinham por perto duas canecas de café frio e cheio de borras.

Era evidente que tinham sido ambos treinados nas forças armadas, pois, assim que Carmine pronunciou a palavra «tenente», afastaram-se da maquineta e puseram-se imediatamente em sentido. Billy era de origem chinesa; tornara-se engenheiro electrónico na Força Aérea dos Estados Unidos. Don era um inglês da zona a que chamava «o Norte» e prestara serviço no Corpo Real de Blindados.

– Que engenhoca é essa? – perguntou Carmine.

– Uma bomba que estamos a ligar a uns circuitos para só largar um décimo de um mililitro de trinta em trinta minutos – disse Billy.

Carmine pegou nas canecas.

– Trago-vos café fresco daquela cafeteira que vi no corredor, se me deixarem beber uma caneca carregada de açúcar.

– Obrigado, tenente. Fique com o açucareiro inteiro.

Carmine sabia que se não introduzisse açúcar no sistema a sua atenção começaria a dispersar-se. Detestava café demasiado doce mas, pelo menos, isso impedia que o estômago roncasse. E, enquanto bebia, podia ter uma conversa amigável. Billy e Don eram homens faladores, ansiosos por explicar o que faziam e decididos a fazer os possíveis para que Carmine achasse o Hug fantástico. Billy era o engenheiro electrónico; Don, o mecânico. Entre ambos, pintaram a Carmine um retrato fascinante de uma vida praticamente passada a desenhar e a construir coisas que nenhuma pessoa no seu perfeito juízo imaginaria. Porque os investigadores, ficou Carmine a saber, não eram pessoas no seu perfeito juízo. Eram, na sua maioria, maníacos irritantes.

– Um investigador é capaz de dar cabo de um camião de bolas de aço – disse Billy. – Podem ter cérebros do tamanho de Madison Square Garden e ganhar prémios Nobel a torto e a direito, mas, céus, como conseguem ser burros! Sabe qual é o maior problema deles?

– Não, mas ajudava – disse Carmine.

– Senso comum. Não têm o mínimo senso comum.

– O jovem Billy tem razão – disse Don. Ou, pelo menos, era o que parecia, por trás do sotaque carregado.

Quando saiu, Carmine estava convencido de que nem Bill Ho nem Don Hunter tinham deixado dois pedaços de corpo de mulher no frigorífico dos animais mortos. Se bem que, quem quer que o tivesse feito, não fosse uma pessoa com falta de senso comum.

*

O departamento de neurofisiologia ficava no andar acima, o segundo. Era dirigido pelo Dr. Addison Forbes, que tinha dois colegas, o Dr. Nur Chandra e o Dr. Maurice Finch. Cada homem possuía um laboratório espaçoso e um gabinete amplo; por trás das instalações de Chandra ficava a sala de operações e a respectiva antecâmara.

A sala dos animais era grande e continha gaiolas com duas dúzias de grandes gatos machos, bem como gaiolas para várias centenas de ratos. Carmine começou por aí. Cada gato, reparou, vivia numa gaiola imaculada, alimentado a comida enlatada e ração, e fazia as suas necessidades num tabuleiro fundo cheio de aparas aromáticas de cedro. Eram animais amigáveis, nem assustados nem deprimidos, e pareciam bastante indiferentes ao facto de terem meia bola de ténis na cabeça. Os ratos viviam em caixas de plástico fundas, cheias de aparas mais pequenas, por entre as quais mergulhavam como golfinhos no mar. Para dentro, para fora, à volta, enrolando as patinhas, como mãos, nas redes que cobriam as caixas, com muito mais alegria do que os prisioneiros humanos agarravam as grades das suas celas. Os ratos, viu Carmine, eram felizes.

O seu guia era o Dr. Addison Forbes, que não estava muito satisfeito.

– Os gatos pertencem ao doutor Finch e ao doutor Chandra. Os ratos são do doutor Finch. Eu não tenho animais, sou um clínico –

disse. – As nossas instalações são excelentes – prosseguiu em tom monótono enquanto conduzia o seu visitante pelo corredor entre a sala dos animais e os elevadores. – Cada andar tem uma casa de banho feminina e outra masculina – apontou –, e uma cafeteira de café da qual o nosso lavador de copos, o Alloodice, toma conta. Os gases engarrafados ficam neste armário, mas o oxigénio é canalizado, bem como o gás de iluminação e o ar comprimido. O quarto tubo é para sucção de vácuo. Foi dada uma atenção especial às ligações à terra e ao isolamento de cobre... trabalhamos em milionésimos de volt, o que significa que os factores de amplificação que causam interferência são um pesadelo. O edifício tem ar condicionado e o ar é minuciosamente filtrado, daí o regulamento de não fumadores.

Forbes calou-se e pareceu surpreendido.

– Os termóstatos funcionam mesmo. – Abriu uma porta. – Esta é a nossa sala de leitura e de reuniões. O que completa a visita ao andar. Vamos para o meu gabinete?

Addison Forbes, decidira Carmine ao fim de poucos instantes, era um autêntico neurótico. Era de uma magreza seca e doentia que sugeria um maníaco do exercício com tendências vegetarianas. Tinha cerca de quarenta e cinco anos – a mesma idade do professor – e poucos atractivos, se se fosse um realizador de cinema à procura de uma nova estrela. O seu discurso era entrecortado com tiques faciais e gestos abruptos e desprovidos de significado.

– Tive um enfarte muito grave há exactamente três anos – disse ele. – Foi um milagre ter sobrevivido. – Era evidente que isso o obcecava, algo pouco invulgar nos médicos que, segundo Patrick lhe dissera, nunca pensam que *eles* também podem morrer e se tornam em pacientes atrozés quando são forçados a recordar a sua própria mortalidade. – Agora faço a correr os oito quilómetros entre o Hug e a minha casa todas as tardes. A minha mulher traz-me de manhã e leva o fato do dia anterior. Já não precisamos de dois carros, uma poupança muito bem vinda. Como legumes, fruta, frutos secos e, de vez em quando, uma posta de peixe cozido ao vapor, quando a

minha mulher consegue arranjar algum que seja verdadeiramente fresco. E devo dizer que me sinto maravilhosamente. – Deu uma palmada na barriga, que era tão lisa que parecia metida para dentro. – Bom para mais cinquenta anos, ha, ha!

«Bolas!», pensou Carmine. «Acho que preferia estar morto a prescindir das gorduras do Malvolio's. De qualquer maneira, há gente para tudo.»

– Com que frequência o senhor ou o seu técnico levam animais mortos para o frigorífico do rés-do-chão? – perguntou.

Forbes pestanejou, com ar confuso.

– Tenente, já lhe disse que sou um clínico! A minha investigação é *clínica*, não uso cobaias. – Ergueu as sobrancelhas de tal forma que pareciam querer ir em direcções opostas. – Modéstia à parte, tenho uma capacidade extraordinária para dar a cada paciente individual a medicação anticonvulsiva exacta. É um campo onde se cometem grandes abusos... imagine a ousadia de um médico de clínica geral qualquer, que assume a responsabilidade de receitar ele próprio anti-convulsivos! Diagnostica um pobre paciente como idiopático e enche-o de *Dilantin* e *Fenobarb*, e afinal o pobre paciente tem um pico no lobo temporal do tamanho de um poste! *Tch!* Dirijo as clínicas de epilepsia na unidade de electroencefalografia do Hospital de Holloman, que está ligada à clínica de epilepsia. Naturalmente que não lido com os EEGS *normais*, como deve compreender. Há outra unidade para o Frank Watson e a sua equipa neurológica e neurocirúrgica. No que eu estou interessado é em picos, não em ondas delta.

– Hum-hum – disse Carmine, cujo cérebro começara a tentar desligar-se a meio desta semidiatribe. – Então, decididamente, nunca se livra de animais mortos?

– Nunca!

A técnica de Forbes, uma rapariga simpática chamada Betty, confirmou-o.

– O trabalho dele aqui tem a ver com o nível de anticonvulsivos na corrente sanguínea – explicou em palavras que Carmine podia ter

alguma esperança de compreender. – A maioria dos médicos receita medicação em excesso porque não controla os níveis de medicamentos na corrente sanguínea em enfermidades de longa duração, como a epilepsia. Também é a ele que as empresas farmacêuticas pedem que teste os novos medicamentos. E tem um instinto extraordinário para perceber aquilo de que determinado paciente necessita. – Betty sorriu. – Na verdade, ele é esquisito. Arte e não ciência.

«E como», pensou Carmine enquanto ia à procura do Dr. Maurice Finch, «é que hei-de escapar-me a ser enterrado vivo debaixo desta incompreensível gíria médica?»

Mas o Dr. Finch não era homem para enterrar ninguém em gíria médica. A sua pesquisa, explicou brevemente, estava relacionada com o movimento de umas coisas chamadas iões de sódio e potássio através das paredes das células nervosas durante um ataque epiléptico.

– Trabalho com gatos – disse –, em pesquisas de longo prazo. Depois de os eléctrodos e cânulas de perfusão terem sido implantados nos seus cérebros, sob anestesia geral, os animais não sofrem qualquer traumatismo. Na verdade, aguardam com ansiedade as sessões experimentais.

Uma alma gentil, foi o veredicto de Carmine. Isso não o excluía dos suspeitos do homicídio, claro; alguns assassinos brutais pareciam as almas mais gentis do mundo quando os conhecíamos. Com os seus cinquenta e um anos, Finch era mais velho do que a maioria dos outros investigadores, segundo o professor lhe dissera; ao que parecia, a investigação era uma actividade para jovens. Era um judeu devoto e vivia com a mulher, Catherine, numa quinta com um aviário; Catherine criava galinhas limpas, segundo as leis judaicas. As suas galinhas mantinham-na entretida, explicou Finch, uma vez que nunca tinham conseguido ter filhos.

– Então não vive em Holloman? – perguntou.

– Logo à entrada da fronteira do condado, tenente. Temos vinte acres. Mas não é tudo galinhas! Sou um cultivador apaixonado de

vegetais e de flores. Tenho um pomar de maçãs e também várias estufas.

– É o senhor que leva os seus animais mortos para baixo, doutor Finch, ou é a sua técnica... a Patrícia?

– Umas vezes sou eu, outras a Patty – disse Finch, fitando Carmine com os grandes olhos cinzentos, sem indícios de culpa ou perturbação. – Se bem que o meu trabalho não requeira que sacrifique muitos animais. Quando o meu trabalho com um gato chega ao fim, tiro os eléctrodos e as cânulas, castro-o e tento arranjar-lhe um dono. Não lhe faço *mal*, compreende? No entanto, pode acontecer um gato apanhar uma infecção no cérebro e morrer, ou simplesmente morrer de causas naturais. Nesses casos vão para o frigorífico lá em baixo. Geralmente sou eu que os levo... são pesados.

– Com que frequência é que os gatos morrem, doutor?

– É difícil dizer. Uma vez por mês, por vezes apenas de seis em seis meses.

– Vejo que cuida bem deles.

– Um gato – disse o Dr. Finch pacientemente – representa um investimento de pelo menos vinte mil dólares. Tem de ter papéis que satisfaçam as várias autoridades, incluindo a Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais e a Sociedade Protectora dos Animais. Depois há os custos de manutenção; o animal tem de receber um tratamento de primeira classe, ou não sobrevive. Preciso de gatos saudáveis. Portanto, a morte é indesejada, para não dizer mesmo exasperante.

Carmine passou ao terceiro investigador, o Dr. Nur Chandra.

Este deixou-o de boca aberta. As feições de Chandra eram nobres, as pestanas tão compridas e espessas que pareciam falsas, as sobrancelhas finamente desenhadas e a pele cor de marfim antigo. O cabelo preto e ondulado era curto, a condizer com as roupas europeias, mas fora cortado por um mestre e as roupas eram de caxemira, vicunha e seda. Uma memória enterrada veio ao de cima: este homem e a mulher eram conhecidos como o casal mais atraente de toda a Uni-

versidade. Ah, já sabia quem era Chandra! Filho de um marajá qualquer, podre de rico, casado com a filha de outro potentado indiano. Viviam em dez acres de terreno nos limites do condado de Holloman, com um exército de criados e vários filhos, educados por professores particulares. Segundo parecia, a pretensiosa Escola Dormer Day não era suficientemente pretensiosa. Ou talvez receassem que as crianças apanhassem demasiadas ideias americanas? Gozavam de imunidade diplomática, embora Carmine não soubesse exactamente porquê. Isso significava luvas de pelica e *rezar* para que não fosse ele o assassino.

– O meu pobre Jimmy – disse o Dr. Chandra, em voz compreensiva mas sem a ternura de Cecil quando falava de Jimmy.

– Conte-me a história do Jimmy, doutor, por favor – pediu Carmine, de olhos postos noutra macaco que, de pernas cruzadas numa pose descontraída, estava sentado numa complicada cadeira de *plexiglass* dentro de uma caixa enorme com a porta aberta. O animal não tinha a sua bola de ténis na cabeça, deixando à vista uma massa cor-de-rosa de cimento dentário, na qual estava embutida uma tomada fêmea verde brilhante. Nela fora inserida uma ficha macho também de um verde brilhante, da qual saía um cabo composto por fios de várias cores torcidos e que iam até um painel na parede. Presumivelmente, o painel ligava o macaco ao equipamento electrónico que contornava a caixa em calhas de cinquenta centímetros.

– O Cecil telefonou-me ontem para me dizer que tinha encontrado o Jimmy morto quando foi ver os macacos depois de almoço – disse o investigador, no sotaque inglês mais esquisito que Carmine já ouvira. Não tinha nada em comum com os sotaques de Miss Dupre ou de Don Hunter, apesar de estes serem muito diferentes entre si. Era espantoso como um país tão pequeno podia ter tantos sotaques diferentes. – Desci para o confirmar pessoalmente e juro-lhe, tenente, que o Jimmy estava morto. Não tinha pulso, não respirava, não havia sons cardíacos nem reflexos e tinha ambas as pupilas

dilatadas. O Cecil perguntou-me se queria que o doutor Schiller fizesse uma autópsia, mas eu disse que não. O Jimmy não tinha os eléctrodos implantados há tempo suficiente para ter qualquer valor experimental para mim. Mas pedi ao Cecil que o deixasse estar e disse-lhe que o veria novamente às cinco horas. Se não houvesse alterações, eu próprio o colocaria no frigorífico. E foi o que fiz.

– E este macaco? – perguntou Carmine, apontando para o animal, que tinha a mesma expressão de Abe quando estava morto por fumar um cigarro.

– O Eustace? Oh, é terrivelmente valioso! Não és, Eustace?

O macaco transferiu o olhar de Carmine para o Dr. Chandra e abriu um sorriso medonho. «És um filho da mãe arrogante, Eustace», pensou Carmine.

O técnico de Chandra era um jovem chamado Hank, que acompanhou Carmine à sala de operações.

Sonia Liebman recebeu-o na antecâmara, apresentando-se como a técnica da sala de operações. A antecâmara estava ocupada por prateleiras de materiais relacionados com cirurgia; continha também dois autoclaves e um cofre com um ar portentoso.

– Para os meus medicamentos de aplicação restrita – disse Mrs. Liebman, apontando para o cofre. – Opiáceos, *Pentotal*, cianeto de potássio, uma data de coisas desagradáveis. – Entregou a Carmine um par de botinas de lona.

– Quem sabe a combinação? – perguntou ele, enquanto as calçava.

– Eu, e não está escrita em *lado nenhum* – disse ela com firmeza. – Se tiverem de me levar com os pés para a frente, têm de chamar um arrombador de cofres. Se partilharmos um segredo, deixa de ser segredo.

A sala de operações propriamente dita parecia-se com qualquer outra sala de operações.

– Não opero em condições completamente estéreis – disse ela, apoiando o traseiro na mesa de operações, que estava coberta por

panos de linho lavados e tinha um aparelho curioso montado numa das extremidades, com muitas varetas de alumínio, armações e botões graduados pela escala de Vernier. Mrs. Liebman vestia um fato-macaco limpo e engomado e botinas de lona. Era uma mulher atraente, com aproximadamente quarenta anos, magra e de ar prático. O cabelo escuro estava preso atrás num carrapito severo, os olhos eram escuros e inteligentes e as mãos encantadoras mostravam unhas muito curtas.

– Pensava que uma sala de operações tinha de ser estéril – disse ele.

– A limpeza escrupulosa é muito mais importante, tenente. Já vi salas de operações mais estéreis do que um gato castrado, mas nunca ninguém as *limpava*.

– Então a senhora é neurocirurgiã?

– Não, sou uma técnica com um mestrado. A neurocirurgia é uma área de homens e eles transformam a vida das neurocirurgiãs num inferno. Mas no Hug posso fazer o que adoro sem esse tipo de traumas. Dado o tamanho dos meus pacientes, é neurocirurgia muito ampliada. Está a ver aquilo? É o meu microscópio de operações *Zeiss*. Não há nenhum nas salas de operações de neurocirurgia da Chubb, nem um – disse ela com grande satisfação.

– O que é que opera?

– Macacos para o doutor Chandra. Gatos para ele e para o doutor Finch. Ratos para os neuroquímicos do andar de cima, e também gatos.

– Morrem muitas vezes na mesa de operações?

Sonia Liebman pareceu ultrajada.

– O que acha que eu sou, uma carniceira? Não! Eu *sacrifico* animais para os neuroquímicos, que raramente trabalham com cérebros vivos. Os neurofisiologistas trabalham em cérebros vivos. Para mim, é essa a diferença principal entre as duas disciplinas.

– Ah... o que é que sacrifica, Mrs. Liebman? – cuidado, Carmine, muito cuidado!

– Ratos, essencialmente, mas também faço descerebrações de Sherrington em gatos.

– O que é isso? – perguntou ele, escrevendo no seu bloco, mas com pouca vontade de saber... aí vinham mais detalhes abstrusos!

– Remoção de um cérebro do lobo tentório para cima, sob anestesia com éter. Assim que retiro o cérebro, injecto *Pentotal* no coração e *bam!* O animal morre. Instantaneamente.

– Então coloca animais relativamente grandes em sacos que leva para o frigorífico?

– Sim, nos dias das descerebrações.

– Com que frequência ocorrem esses dias de descerebração?

– Depende. Se o doutor Ponsonby ou o doutor Polonowski pedem cérebros de gato, pode ser de duas em duas semanas durante dois meses, três ou quatro gatos de cada vez. O doutor Satsuma não pede com tanta frequência... talvez seis gatos, uma vez por ano.

– De que tamanho são estes gatos descerebrados?

– Monstros. Machos com cinco a sete quilos.

*

Muito bem, dois andares já estavam; faltavam mais dois. Os serviços, oficinas e neurofisiologia estavam despachados. Agora era altura de visitar as instalações administrativas no quarto andar, depois descer para a neuroquímica, no terceiro.

Havia três dactilógrafas médicas, todas com cursos de ciências, e uma arquivista sem nada mais impressionante do que um diploma de liceu – como devia sentir-se sozinha! Vonnie, Dora e Margaret usavam grandes máquinas de escrever eléctricas IBM e conseguiam dactilografar electroencefalografia mais depressa do que um polícia conseguia escrever furto. Ali não havia nada de interessante. Deixou-as a trabalhar, com Denise, a arquivista, a fungar e a limpar os olhos enquanto espreitava para as gavetas, e as dactilógrafas a martelarem nas teclas como metralhadoras.

O Dr. Charles Ponsonby aguardava-o junto do elevador. Tinha, disse a Carmine enquanto o escoltava até ao seu escritório, quarenta e cinco anos, a mesma idade que o professor, e substituí-a-o quando este não estava. Tinham andado juntos na Escola Dormer Day, no liceu e no curso de Medicina na Universidade Chubb. Ambos, explicou Ponsonby em tom grave, eram ianques¹ do Connecticut desde o início. Mas, depois da Faculdade de Medicina, os seus caminhos tinham-se separado. Ponsonby preferira ficar na Chubb para fazer o seu internato neurológico, enquanto Smith fora para a John Hopkins. Não que a separação tivesse sido longa: Bob Smith voltara para chefiar o Hug e convidara Ponsonby a juntar-se a ele. Isso fora em 1950, quando tinham ambos trinta anos de idade.

«E por que é que ele terá ficado por cá?», perguntou Carmine a si próprio enquanto estudava o chefe de neuroquímica. Charles Ponsonby era um homem de estatura média, com cabelo castanho salpicado de cinzento, olhos azuis deslavados a espreitarem por cima dos óculos de meia-lua empoleirados no nariz comprido e estreito, e com o ar de um professor distraído. As suas roupas eram de *tweed*, puídas, tinha o cabelo espetado, e Carmine viu que as meias eram desirmadas: azul no pé direito, cinzenta no esquerdo. Tudo isto podia apenas confirmar que Ponsonby era um homem pouco aventureiro, que não vira qualquer vantagem em ir mais longe do que Holloman, mas algo naqueles olhos húmidos dizia que ele podia ter-se tornado um homem diferente se tivesse ido para outro lado depois de acabar o curso de Medicina. Era uma hipótese baseada num palpite; *algo* mantivera Ponsonby na sua cidade natal, algo concreto e de peso. Mas não uma mulher, porque ele dissera, em tom indiferente, tratar-se de um solteirão inveterado.

Também era interessante ver os contrastes entre os escritórios dos vários homens. O de Forbes era extraordinariamente arrumado, sem espaço para mobílias luxuosas ou quadros nas paredes; havia

¹ Expressão que designa os naturais do estado de Nova Inglaterra. (*N. da T.*)

livros e papéis por todo o lado, até no chão. Finch gostava de plantas envasadas e tinha até uma espantosa orquídea em flor; as paredes estavam cobertas por cascatas de fetos. Chandra preferia o estilo Chesterfield e cabedal, com estantes para livros com portas de vidro e algumas peças requintadas de arte indiana. E o Dr. Charles Ponsonby vivia ordenadamente entre artefactos sinistros, como cabeças encolhidas e máscaras mortuárias de pessoas como Beethoven e Wagner; tinha, também, quatro reproduções de quadros famosos nas paredes – o *Cronos* de Goya, a comer uma criança, duas secções do *Inferno* de Bosch e o *Grito* de Munch.

– Gosta de arte surrealista? – perguntou Ponsonby com animação.

– Gosto mais de arte oriental, doutor.

– Tenho pensando muitas vezes que escolhi mal a minha vocação, tenente. A psiquiatria fascina-me, em particular a psicopatia. Veja aquela cabeça encolhida... que crenças podem provocar uma coisa daquelas? Ou que visões terão dado origem aos meus quadros?

Carmine sorriu.

– Não perca tempo a perguntar-me. Sou apenas um polícia. – E você, acabou com um comentário silencioso, não é o homem que procuro. Seria demasiado óbvio.

Enquanto Ponsonby o conduzia pelos laboratórios, Carmine viu que, aqui em cima, o equipamento era mais familiar: uma unidade de absorção atómica, um espectrómetro de massa, um cromatógrafo de gás, centrifugadoras grandes e pequenas – o tipo de aparelhos que Patrick tinha no seu laboratório forense, apenas mais novos e maiores. Patrick tinha de esticar o orçamento; aqui, gastavam sem nunca ver o fundo ao saco.

Ponsonby deu-lhe mais explicações sobre os cérebros de gato, que eram transformados naquilo a que ele chamava «sopa de cérebro», com tanta naturalidade que a expressão não encerrava qualquer elemento de jocosidade. Também usavam sopa de cérebro de rato. E o Dr. Polonowski estava a conduzir experiências sobre o axónio gigante de uma das patas de lagosta – não das grandes pinças,

mas das patas mais pequenas. Aqueles axónios eram enormes! Marian, que era a técnica de Polonowski, tinha muitas vezes de passar pela peixaria no caminho para o trabalho para comprar as quatro maiores lagostas do tanque.

– O que acontece às lagostas depois?

– São distribuídas, à vez, entre aqueles que gostam de lagosta – disse Ponsonby, como se a pergunta não tivesse qualquer valor quando a resposta era tão óbvia. – O doutor Polonowski não precisa do resto dos animais. Na verdade, é muito amável da parte dele distribuí-las por todos. Sempre *são* as cobaias dele, podia comê-las todas sozinho. Mas espera pela sua vez, como os outros. Excepto o doutor Forbes, que se tornou vegetariano, e o doutor Finch, que é demasiado ortodoxo para comer crustáceos.

– Diga-me, doutor Ponsonby, as pessoas *reparam* nos sacos de animais mortos? Se o senhor visse um grande saco de animais mortos completamente cheio e reparasse nele, o que pensaria?

Ponsonby fez uma expressão levemente surpreendida.

– Duvido que pensasse sequer nisso, tenente, porque duvido que reparasse.

Miraculosamente, Ponsonby não estava ansioso por entrar em detalhes sobre o seu trabalho; disse apenas estar relacionado com a química de uma célula do cérebro envolvida no processo epiléptico.

– Até agora, todas as pessoas com quem falei parecem estar a trabalhar em epilepsia. Há alguém a estudar o atraso mental? Pensava que no Hug se investigavam as duas coisas.

– Infelizmente perdemos o nosso geneticista há vários anos e o professor Smith não encontrou ninguém adequado para o substituir. São todos atraídos por esta história do ADN, compreende. É mais excitante. – Riu-se. – A sopa *deles* é feita de *E. coli*.

E assim Carmine passou ao Dr. Walter Polonowski, uma pessoa com uma disposição altamente irritável que não tinha nada a ver com os seus antepassados polacos; isso, tal como a arte de Ponsonby, teria sido demasiado simples.

– Não é justo – disse ele a Carmine.

– O que é que não é justo, doutor?

– A divisão do trabalho por aqui. Quem tem um curso de Medicina, como eu, o Ponsonby, o Finch e o Forbes, tem de atender os pacientes no Hospital de Holloman, e atender pacientes diminui o nosso tempo para investigação. Enquanto os doutorados, como o Chandra e o Satsuma, fazem apenas investigação. Não admira que estejam tão adiantados em relação a nós. Quando aceitei vir para aqui, o acordo era que eu atenderia apenas pacientes que fossem atrasados idiopáticos. E o que acontece? Herdei os pacientes com síndromas de malabsorção! – disse Polonowsky, irritado.

Oh, céus, aqui vamos nós outra vez!

– Não são atrasados, doutor?

– Sim, claro que são, mas em consequência da malabsorção! *Não* são idiopáticos!

– O que significa idiopático, doutor?

– É uma desordem de etiologia desconhecida... sem causa conhecida.

– Hum.

Walt Polonowski era um homem muito apresentável, alto, bem constituído, com cabelo louro-escuro e olhos que se confundiam com a pele dourada. O tipo de homem, calculou Carmine, que não estava realmente a queixar-se da sobrecarga de pacientes por ser isso que o incomodava; o que o incomodava eram emoções essenciais, como amor e ódio. O tipo estava constantemente infeliz, via-se nas linhas do seu rosto.

Mas, tal como todos os outros, nunca reparara em nada tão mundano como um saco de animais mortos e, muito menos, que tamanho teria um saco de animais mortos. «E por que raio é que eu estou obcecado com sacos de animais mortos, afinal de contas?», perguntou Carmine a si próprio. «Porque alguém muito esperto se aproveitou do frigorífico de animais mortos sabendo que o pessoal do Hug nunca, mas nunca, reparava nesses sacos. É por isso, e contudo... tenho o

presentimento de que vem aí mais alguma coisa desagradável. Isto ainda não acabou. Tenho a certeza, sim, tenho a certeza!»

A técnica de Polonowski, Marian, era uma rapariga bonita que disse a Carmine que era ela quem levava os sacos do Dr. Polonowski para baixo. Os seus modos eram desconfiados e defensivos, mas não por causa dos sacos de animais mortos, pensou Carmine. Esta era uma rapariga infeliz, e as raparigas infelizes eram-no geralmente por problemas pessoais, não devido ao local de trabalho. Os empregos eram fáceis de encontrar para estes jovens, todos formados em ciências, alguns com pequenos projectos por fora que contariam para um mestrado ou um doutoramento. Carmine estava disposto a apostar que Marian, por vezes, chegava ao Hug de óculos escuros para esconder o facto de ter passado metade da noite a chorar.

Depois dos outros, o Dr. Hideki Satsuma era fantástico. O seu inglês era perfeito e americano; o pai, explicou, estivera na Embaixada Japonesa em Washington desde que as relações diplomáticas tinham sido restabelecidas, depois da Guerra. Satsuma acabara os estudos na América e os seus diplomas eram de Georgetown.

– Estou a trabalhar na neuroquímica do rinencéfalo – disse; percebeu a expressão de incompreensão de Carmine e riu-se. – Aquilo a que por vezes se chama «o cérebro do olfacto», a matéria cinzenta humana mais primitiva. Está muito envolvido no processo epiléptico.

Satsuma era outro homem bem parecido; o Hug tinha sem dúvida a sua conta deles! Também tinha feições nobres e submetera-se a cirurgia para recolher as pregas epicantais das pálpebras superiores, deixando assim mais visíveis os olhos negros e brilhantes. Era bastante alto, para um japonês. Movia-se com a graciosidade de Rudolf Nureyev e tinha o mesmo aspecto ligeiramente tártaro. Carmine avaliou-o como uma pessoa segura, que nunca falharia a recepção de uma bola nem deixaria cair uma proveta. E também era simpático, o que perturbava Carmine, que passara os seus anos

de Guerra no Pacífico e não sentia uma grande simpatia pelos japoneses.

– Tem de compreender, tenente – disse Satsuma, seriamente –, que quem trabalha num local como o Hug não é do género muito observador, a menos que se trate do seu próprio trabalho. Nesse caso temos uma visão de raios x melhor do que a do Super-homem. Um saco de animais mortos de papel castanho pode saltar à vista se for uma intrusão, mas, caso contrário, passa completamente despercebido. Uma vez que os técnicos do Hug são muito bons, os sacos de animais mortos não são deixados por aí onde possam incomodar. Eu nunca os levo para baixo, é o meu técnico quem trata disso.

– Vejo que ele também é japonês.

– Sim. O Eido é o meu assistente em todos os aspectos. Ele e a mulher vivem no nono andar do edifício Nutmeg Insurance, onde eu possuo a cobertura. Como sabe muito bem, uma vez que também vive no edifício Nutmeg.

– Na verdade, não sabia. A cobertura tem um elevador privado. Mas já vi o Eido e a mulher. O senhor é casado, doutor?

– Eu não! Há demasiados peixes lindos no mar para ter seleccionado um só. Sou solteiro.

– Tem uma namorada aqui no Hug?

Os olhos negros cintilaram, mas divertidos, não irritados.

– Oh, céus, não! Como o meu pai me disse há muitos anos, só um tolo mistura negócios com prazer.

– Uma boa regra de vida.

– Quer que eu lhe apresente o doutor Schiller? – perguntou Satsuma, sentindo que a conversa estava terminada.

– Sim, agradeço muito.

Ora, ora, mais um borracho do Hug! Este era um *viking*. Kurt Schiller era o patologista do Hug. O seu inglês tinha um leve sotaque germânico, o que justificava sem dúvida a expressão selvagem de desgosto que o Dr. Maurice Finch mostrara ao mencionar o nome

de Schiller. Não havia muita simpatia de parte a parte. Schiller era alto, esbelto, com cabelo muito loiro e olhos azuis-claros. Havia nele qualquer coisa que irritava Carmine, apesar de não ter nada a ver com a sua nacionalidade: o nariz sensível do polícia farejou homossexualidade. «Se Schiller não o é», pensou, «então o meu faro de polícia não está bom, e tenho a certeza de que está.»

O laboratório de patologia ocupava o mesmo espaço da sala de operações no andar de baixo, apenas um pouco maior graças a uma sala de animais sem gatos. Schiller trabalhava com dois técnicos: Hal Jones, que tratava da histologia do Hug, e Tom Skinks, que trabalhava exclusivamente nos projectos de Schiller.

– Por vezes enviam-me amostras de cérebros, do hospital – disse o patologista –, devido à minha experiência em atrofia cortical e tecido cicatricial cerebral. O meu trabalho envolve a procura de cicatrizes no hipocampo e no feixe uncinado.

E blá-blá-blá-blá. Nesta altura, Carmine já aprendera a desligar-se quando começavam as palavras grandes, apesar de o problema não ser o tamanho, mas sim a abstrusidade. Como quando Bill Ho, o engenheiro electrónico, começara a falar de um *mu* magnético inferior a um, como se Carmine soubesse automaticamente o que ele queria dizer. «Todos falamos a nossa gíria especializada, até os polícias», pensou com um suspiro.

*

Nesta altura eram seis da tarde e Carmine estava esfomeado. No entanto, o melhor seria acabar de falar com toda a gente para poderem ir todos para casa. Depois podia comer à vontade. Só faltavam quatro pessoas no quarto andar.

Começou com Hilda Silverman, a bibliotecária de pesquisa, que governava uma sala enorme cheia de estantes metálicas e armários de gavetas com livros, cartões, ensaios, sumários, ensaios reimpressos, artigos, excertos significativos de livros.

– Hoje em dia, tenho os meus registos informatizados – disse ela, apontando com uma mão mal arranjada para uma coisa do tamanho de um frigorífico de restaurante, equipado com duas bobinas de catorze polegadas e, numa consola na parte da frente, um teclado de máquina de escrever. – É uma grande ajuda! Acabaram-se os cartões perfurados! Tenho muito mais sorte do que a biblioteca da Faculdade de Medicina, sabe. *Eles* ainda têm de fazer tudo à antiga. Neste momento estão a montar uma instalação no Texas à qual poderemos aceder. Se introduzirmos palavras-chave tais como «iões de potássio» e «convulsões», receberemos os resumos de todos os trabalhos alguma vez escritos sobre o assunto, tão depressa quanto um telétipo os consegue imprimir. Mais uma razão para eu ter deixado a biblioteca principal para vir para aqui e ter o meu próprio domínio. Tenente, o Hug está a *nadar* em dinheiro! Embora seja difícil estar tão longe do Keith – terminou com um suspiro.

– Keith?

– O meu marido, Keith Kyneton. Está a fazer a pós-graduação em neurocirurgia, precisamente na outra ponta da Oak Street. Costumávamos almoçar juntos, mas agora não podemos.

– Então Silverman é o seu nome de solteira?

– Exacto. Tive de o manter... é mais fácil, quando todos os documentos dizem Silverman.

Carmine calculou que ela estivesse a meio da casa dos trinta, mas talvez fosse mais nova; a sua expressão era um pouco ansiosa. Vestia um casaco de mau corte que já tinha visto melhores dias, sapatos gastos, e não usava qualquer jóia para além da aliança. O cabelo castanho e ondulado estava mal cortado e preso com ganchos feios; e os olhos castanhos, bastante bonitos, apareciam reduzidos por trás de uns óculos de fundo de garrafa. O seu rosto, desprovido de maquilhagem, era agradável de uma forma neutra.

«O que será que faz com que as bibliotecárias pareçam sempre bibliotecárias?», pensou Carmine. «Os ácaros do papel? O algodão? A tinta das impressoras?»

– Gostava de poder ser mais útil – disse ela pouco depois –, mas na verdade não me lembro de ter visto nenhum saco daqueles. Nunca estive sequer no rés-do-chão, para além do átrio do elevador.

– Quem são as suas amigas?

– A Sonia Liebman da sala de operações. Mais ninguém, na realidade.

– Miss Dupre ou Miss Vilich, aqui do seu piso, não?

– Essas duas? – perguntou ela com um ar desdenhoso. – Estão demasiado ocupadas a discutirem uma com a outra para notarem que eu existo.

Ora, ora, finalmente uma informação útil!

«E a seguir? Dupre», decidiu Carmine, e bateu à porta dela. Miss Dupre ocupava o gabinete do canto sudeste, o que significava janelas em dois lados, uma voltada para a cidade, a outra para sul, para o porto brumoso. Ora bem, por que é que o professor não agarrara este gabinete? Ou teria tido receio de perder demasiado tempo a olhar para a vista espectacular? Miss Dupre, que definitivamente não tinha nada de espectacular, tinha também um lado frio o bastante para conseguir resistir ao que ficava do outro lado das janelas, pensou.

Ela levantou-se de trás da secretária e olhou-o de cima para baixo, algo que era evidente que gostava de fazer. «Um passatempo perigoso, minha senhora. Tu também podes ver-te reduzida à tua insignificância. Mas és uma mulher muito inteligente, muito eficiente e muito observadora; está tudo nesses teus bonitos olhos.»

– O que a trouxe ao Hug? – perguntou Carmine, sentando-se.

– Uma carta verde. Era assistente de administração numa das áreas regionais de cuidados de saúde em Inglaterra. Era responsável por todas as instalações de investigação nos vários hospitais e universidades de tijolo vermelho da zona.

– Ah... universidades de tijolo vermelho?

– Aquelas para onde são enviados os estudantes da classe trabalhadora... como eu. Não entramos em Oxford ou Cambridge, que *não* são de tijolo vermelho, apesar de os edifícios mais recentes o serem.

- O que é que não sabe sobre este lugar? – perguntou ele.
- Muito pouco.
- E sobre os sacos de papel castanho para os animais mortos?
- Já muitas pessoas, para além de mim, repararam na sua fixação inexplicável com os sacos para os animais mortos, mas nenhum de nós faz a mínima ideia sobre o seu significado, embora eu tenha um palpite. Por que não me conta toda a verdade, tenente?
- Limite-se a responder às minhas perguntas, Miss Dupre.
- Então faça-me uma.
- Costuma ver os sacos dos animais mortos?
- Claro. Como gestora de operações, vejo tudo. A remessa antes da última consistia de um produto inferior, o que me obrigou a envolver-me de forma exaustiva na questão – disse Miss Dupre. – No entanto, normalmente, nunca os vejo, muito menos quando estão ocupados por um cadáver.
- A que horas o Cecil Potter e o Otis Green acabam o trabalho?
- Às três da tarde.
- Toda a gente sabe disso?
- Com certeza. De tempos a tempos, isso desperta as queixas de um dos investigadores... por vezes partem do princípio de que o mundo inteiro existe apenas para satisfazer as suas necessidades. – As suas sobrancelhas claras ergueram-se. – A resposta que lhes dou é que Mr. Potter e Mr. Green têm o horário necessário para cuidar dos animais. Os ritmos circadianos dos animais requerem atenção três ou quatro horas depois do nascer do Sol. As tardes são menos importantes, desde que estejam bem fornecidos de comida e as suas instalações estejam limpas.
- Que outras tarefas tem o Otis a seu cargo, para além dos cuidados com os animais?
- O dia de Mr. Green é maioritariamente ocupado com as suas obrigações nas salas dos animais dos pisos de cima; as suas outras tarefas não são muito exigentes. Trata do transporte de coisas pesadas, manutenção da iluminação e tratamento dos resíduos perigosos.

Talvez o surpreenda saber que as técnicas do sexo feminino pedem a Mr. Green que lhes vá buscar os cilindros de gás. Costumávamos deixar as raparigas tratarem disso, até que um cilindro foi acidentalmente derrubado e o conteúdo pressurizado escapou-se. Não houve danos, mas se não fosse um gás inerte... – pareceu pesarosa. – Também há ocasiões em que um dos investigadores tem de trabalhar com substâncias que emitem radiações gama. Isso exige que se ergam barreiras de tijolos de chumbo... *muito* pesados.

– Estou surpreendido por neste edifício, que mais parece o Hilton, não estar tudo canalizado.

Ela levantou-se e olhou para ele de cima.

– Tem mais alguma coisa a perguntar-me, tenente?

– Não. Obrigado pelo seu tempo.

«Como é que hei-de cair nas boas graças dela?», pensou enquanto percorria o corredor até ao gabinete de Tamara Vilich. «É uma fonte de informações de que estou muito necessitado.»

O gabinete da secretária do professor tinha uma porta que comunicava directamente com o escritório dele, reparou Carmine quando entrou.

– Por acaso sabe – perguntou Tamara Vilich em tom ligeiramente azedo –, que deixar-nos para o último lugar me causou sérios inconvenientes? Estou atrasada para um compromisso.

– É o preço do poder – disse Carmine, sem se sentar. – Sabe, já ouvi hoje mais linguagem afectada e gíria técnica do que oiço geralmente em meses. Também foi um inconveniente para mim, Miss Vilich. Sem pequeno-almoço, sem almoço e, até agora, sem jantar.

– Então despache-se! Tenho de sair!

Desespero na sua voz? Interessante.

– Costuma ver os sacos dos animais mortos, minha senhora?

– Não, não costumo – olhou com irritação para o relógio.

– Raios!

– Nunca?

– Não, nunca!

– Nesse caso pode seguir para o seu compromisso, Miss Vilich. Muito obrigado.

– Estou demasiado atrasada! – gritou, em desespero. – Demasiado atrasada!

Mas já tinha desaparecido, a correr, ainda antes que Carmine pudesse bater à porta de comunicação.

O professor parecia mais preocupado do que nessa manhã; talvez, pensou Carmine, porque entretanto não acontecera nada que acalmasse a sua ansiedade ou satisfizesse a sua curiosidade.

– Tenho de informar o conselho directivo – disse Smith antes que Carmine tivesse oportunidade de falar.

– Conselho directivo?

– Esta é uma instituição financiada por fundos privados, tenente, e supervisionada por um conselho superior. Pode dizer-se que todos temos de trabalhar pelos nossos benefícios. A generosidade do conselho directivo é directamente proporcional à quantidade de trabalho verdadeiramente original e significativo que o Hug produz. A nossa reputação é ímpar, o Hug tem de facto feito a diferença. E agora acontece esta... esta... esta *singularidade*! Um evento aleatório que tem a capacidade de afectar drasticamente a qualidade do nosso trabalho.

– Um evento aleatório, professor? Não chamo aleatório a um homicídio. Mas deixemos isso de lado, por um momento. Quem faz parte desse conselho?

– O William Parson morreu em mil novecentos e cinquenta e dois. Deixou dois sobrinhos no controlo do seu império: Roger Júnior e Henry Parson. O Roger Júnior é director-geral do conselho. O Henry é o seu vice-director. Os filhos deles, Roger III e Henry Júnior, também são membros do conselho. O quinto membro é Richard Spaight, director do Banco Parson e filho da irmã de William Parson. O presidente MacIntosh, da Chubb, é um dos directores, bem como o decano de Medicina, o doutor Wilbur Dowling. Eu, como professor regente, sou o último – disse Smith.

– Isso dá uma forte maioria ao contingente Parson. Devem ser muito autoritários.

Smith pareceu espantado.

– Não, de forma alguma! Pelo contrário! Desde que continuemos a produzir o trabalho brilhante que temos feito nos últimos quinze anos, temos praticamente carta branca. O testamento do William Parson era muito específico. «Quem paga com amendoins só arranja macacos» era uma das suas expressões preferidas. Portanto pagamos bastante bem no Hug, e os nossos investigadores são infinitamente mais brilhantes do que os macacos lá de baixo. Daí a minha preocupação com esta singularidade, tenente. Parte de mim continua a insistir que não passa de um sonho.

– Professor, o corpo é real e a situação é real. Mas vamos mudar de assunto por um instante. – Carmine fez uma expressão que a maioria das pessoas considerava desarmante. – O que se passa entre Miss Dupre e Miss Vilich?

Smith franziu o rosto comprido.

– É assim tão óbvio?

– Para mim, é. – Não havia necessidade de mencionar Hilda Silverman.

– Durante os primeiros nove anos de existência do Hug, a Tamara foi, ao mesmo tempo, minha secretária e gestora de operações. Depois casou-se. Garanto-lhe que não sei absolutamente nada sobre o marido, excepto que, poucos meses depois, a deixou. Enquanto estiveram juntos, a qualidade do trabalho dela foi terrivelmente afectada. Em resultado, o conselho directivo decidiu que necessitávamos de uma pessoa qualificada para tratar das questões negociais.

– O marido de Miss Vilich era um Huguíta?

– O termo correcto é «Hugger», tenente – disse Smith, como se estivesse a mastigar lã. – A farpa do Frank Watson cravou-se profundamente. Se há os Chubbers, diz ele, então também deve haver os Huggers. E não, o marido não era um Hugger *nem* um Chubber –

disse, com um suspiro. – Para ser perfeitamente sincero, ele levou a pobre rapariga a fazer um desfalque. Nós resolvemos o assunto internamente e não demos seguimento à questão.

– Surpreende-me que o conselho não tenha insistido para que a despedisse.

– Eu não podia fazer uma coisa *dessas*, tenente! Ela veio trabalhar comigo depois de sair da Escola de Secretariado Kirk, aqui em Holloman, e nunca teve outro emprego. – Outro enorme suspiro. – No entanto, era inevitável que, quando Miss Dupre chegasse, a Tamara se virasse contra ela. Uma pena. Miss Dupre é excelente no seu trabalho... muito melhor do que a Tamara era, para ser honesto! Tem licenciaturas em administração médica e em contabilidade.

– Uma mulher dura. Talvez elas se dessem melhor se Miss Dupre fosse uma rapariga mais feminina, não?

O professor não mordeu o isco; preferiu dizer:

– Miss Dupre é muito apreciada em todos os outros quadrantes. Carmine olhou para o relógio.

– Está na altura de o deixar ir para casa, professor. Muito obrigado pela sua cooperação.

– Não pensa de facto que o cadáver tem alguma coisa a ver com o Hug e com o meu pessoal, pois não? – perguntou o professor, enquanto acompanhava Carmine pelo corredor.

– Penso que o cadáver tem tudo a ver com o Hug e com o seu pessoal. E, professor, adie a sua reunião com o conselho até à próxima segunda-feira, por favor. A partir de agora, tem toda a liberdade para explicar a situação a Mr. Robert Parson Júnior e ao presidente MacIntosh, mas a transmissão de informação acaba aí. Não há excepções, nem para mulheres, nem para colegas.

*

Encontrando-se ao lado do edifício dos Serviços Municipais, o restaurante Malvolio's tinha todo o interesse em estar aberto vinte e

quatro horas por dia. Talvez por tantos dos seus clientes vestirem de azul-escuro, a decoração fazia lembrar um prato Wedgewood azul-claro, com donzelas, grinaldas e arabescos de gesso branco para quebrar o azul. Corey e Abe há muito que tinham ido para casa quando Carmine estacionou o *Ford* em frente ao restaurante, entrou e pediu rolo de carne com molho e puré de batata, uma salada com tempero Green Goddess e duas fatias de tarte de maçã *à casa*.

Finalmente de estômago cheio, foi a pé para casa. Tomou um longo duche, atirou-se, nu, para cima da cama, e não se recordava sequer de ter tocado com a cabeça na almofada.

*

Hilda Silverman chegou a casa e viu que Ruth já fizera o jantar: costeletas de porco guisadas, às quais não se dera ao trabalho de tirar a gordura, puré de batata instantâneo, uma salada de alface mole e transparente devido ao molho italiano aplicado demasiado cedo, e um bolo de chocolate congelado para sobremesa. «Pelo menos eu não tenho problemas em manter a linha», pensou Hilda; o milagre é como o Keith consegue não engordar, porque ele *adora* a comida da sua mãe. É praticamente o único vestígio que ainda lhe resta das suas origens pobres e saloias. Não, Hilda, sê justa! Ele adora a mãe, tanto como adora os cozinhados dela.

Não que ele estivesse presente. O seu prato, embrulhado em folha de alumínio, estava em cima de uma panela de água que Ruth deixaria em lume brando até o filho chegar, mesmo que isso fosse às duas ou três da manhã.

Hilda não gostava da sogra, que ainda continuava a ser provocantemente pobre e saloia, mas estavam unidas por Keith. Os ciúmes não tinham nada a ver com o assunto. Keith era tudo, pura e simplesmente. Se Keith preferia que as pessoas não conhecessem as suas origens, a mãe não tinha qualquer problema em relação a isso, pois morreria por ele, tão alegremente como a própria Hilda.

Ruth fazia uma grande diferença no conforto de Keith e Hilda, pois a sua presença permitia que Hilda mantivesse o seu emprego muito bem pago. Melhor ainda, Ruth gostava mesmo de viver numa casa horrível e num bairro horrível; recordava-lhe (a ela e a uma parte de Keith) a sua velha casa em Dayton, Ohio. Outro local onde as pessoas enchiam os quintais com máquinas de lavar mortas e cadáveres de carros ferrugentos. Tão húmido, tão deprimente e tão frio como Griswold Lane, em Holloman, Connecticut.

Keith e Hilda viviam na pior casa de Griswold Lane porque a renda era muito baixa, o que lhes permitia poupar a maior parte dos salários de ambos (o dela era o dobro do dele). Keith, agora que acabara o internato e estava a marcar passo num pós-doutoramento, planeava adquirir uma quota numa clínica de neurocirurgia lucrativa, de preferência em Nova Iorque. A monotonia mal paga da medicina académica não era para Keith Kyneton! Mãe e mulher lutavam heroicamente para o ajudar a alcançar essa ambição. Ruth era uma sovina nata, que achava o J. C. Penney's escandalosamente caro e comprava os legumes de anteontem no supermercado; Hilda poupava em coisas tão triviais como um corte de cabelo, não comprava um par de travessões mais bonitos e aguentava estoicamente os óculos de fundo de garrafa. Por outro lado, as roupas e o carro de Keith tinham de ser os melhores, e o trabalho dele tornava obrigatória a despesa descomunal das suas lentes de contacto. O que Keith queria, Keith tinha de ter.

Nesse momento, precisamente quando Ruth e Hilda se estavam a sentar à mesa, Keith entrou, e, com ele, o Sol, a Lua, as estrelas e todos os anjos do paraíso. Hilda saltou para o abraçar e aninhou a cabeça debaixo do queixo dele. Oh, ele era tão alto, tão... tão fantástico!

– Olá, querida – disse ele, com um braço à volta dela e inclinando-se por cima da sua cabeça para dar um beijo à mãe. – Olá, mãe, o que é o jantar? Cheira-me às tuas costeletas de porco!

– É isso mesmo, filho. Senta-te que eu vou buscar o teu prato.

E assim sentaram-se à volta da pequena mesa quadrada da cozinha, Ruth e Keith devorando com gosto a refeição gordurenta e semi-instantânea, Hilda comendo com pouco apetite.

– Hoje tivemos um homicídio – disse Hilda, partindo uma costeleta.

Keith ergueu os olhos, demasiado ocupado para comentar; Ruth pousou o garfo e olhou para ela.

– Não me digas! – exclamou. – Um homicídio a sério?

– Bom, um corpo, pelo menos. Foi por isso que cheguei tão tarde. Havia polícia por todo o lado e não deixaram ninguém sair, nem para almoçar. Por alguma razão, deixaram o quarto andar para o fim, apesar de não fazer sentido... como é que alguém no último andar havia de saber alguma coisa sobre um corpo encontrado nos cuidados animais no primeiro andar? – Hilda bufou com indignação e conseguiu tirar o resto da gordura da sua costeleta.

– Não se fala de outra coisa no hospital e na faculdade – disse Keith, com uma pausa para se servir de mais duas costeletas. – Estive todo o dia na sala de operações mas, até lá, o anestesista e a enfermeira instrumentista não se calavam com o assunto. Como se um aneurisma bifurcado na artéria cerebral central não fosse o suficiente! Depois o radiologista entrou com a notícia de outro aneurisma na artéria basilar, portanto o nosso trabalho foi provavelmente para nada.

– Mas com certeza que a angiografia mostrou isso antes de começarem?

– A basilar não encheu devidamente e o Missingham só viu as películas quando já estávamos quase a acabar... estava em Boston. O assistente dele não encontraria o próprio traseiro com as duas mãos dentro dos calções, quanto mais um aneurisma numa artéria basilar mal cheia! Desculpa, mãe, mas foi um dia frustrante. Nada correu bem.

Hilda fitou-o com olhar doce e expressão adoradora. Como é que alguma vez conseguira captar a atenção de Keith Kyneton? Era

um mistério, mas um mistério pelo qual estaria grata para sempre. Ele era todos os seus sonhos reunidos numa pessoa só, desde a altura e o cabelo claro e ondulado, aos lindos olhos cinzentos, os ossos esculpidos do rosto, o corpo musculado. E era tão encantador, tão eloquente, tão adorável! Não esquecendo que era também um neurocirurgião altamente competente, que escolhera uma boa especialização: aneurismas cerebrais. Até há bem pouco tempo, os aneurismas eram inoperáveis e representavam uma sentença de morte, mas, agora que a neurocirurgia tinha técnicas de congelamento do corpo e o coração podia ser parado durante alguns preciosos minutos, enquanto o aneurisma era extraído, o futuro de Keith estava garantido.

– Vá lá, conta-nos os pormenores – disse Ruth, de olhos a brilhar.

– Não posso, Ruth, porque não sei nada. A polícia foi muito reservada e o tenente que falou comigo podia dar aulas de discrição a um padre católico. A Sonia disse-me que o achou muito inteligente e muito bem-educado, e percebo o que ela quis dizer.

– Como é que ele se chamava?

– Um nome italiano qualquer.

– Como todos os polícias, não é? – disse Keith, rindo.

*

O professor Bob Smith estava em casa com a mulher, Eliza. Tinham acabado de jantar e os rapazes estavam a fazer os trabalhos de casa.

– Isto vai causar problemas.

– Com o conselho, é o que queres dizer? – perguntou ela, servindo-lhe mais café.

– Sim, com o conselho, mas mais no trabalho, querida. Sabes bem como eles conseguem ser temperamentais! O único que não me aborrece é o Addison. Esse está feliz por estar vivo, as suas ideias

sobre anticonvulsivos são tão interessantes para ele como para mim e desde que nenhum do seu equipamento se avarie, vive satisfeito. Embora eu não consiga perceber como é que alguém pode correr oito quilómetros por dia e estar feliz. Complexo de Lázaro – sorriu, o que fez maravilhas pelo seu rosto já atraente. – Oh, como ele ficou perturbado quando lhe disse que estava fora de questão vir a correr para o trabalho todas as manhãs! Mas conseguiu controlar a irritação.

Ela riu-se, com um som agradável.

– Devia ter-lhe ocorrido que o cheiro do seu odor corporal depois de uma corrida dessas não faria dele o companheiro de trabalho ideal. – Depois ficou séria. – É da pobre mulher dele que tenho mais pena.

– A Robin? Aquela mosquinha morta? Porquê?

– Por que o Addison Forbes a trata como uma criada, Bob. Sim, é verdade! O trabalho que ela tem para encontrar comida que ele queira comer! E ter de lavar aquelas roupas malcheirosas... ela não tem vida própria.

– Isso parece-me bastante trivial, querida.

– Sim, suponho que sim, mas ela é... bom, não é a pessoa mais inteligente do mundo, e o Addison faz questão que ela o saiba. Já o apanhei a olhar para ela de lado e fiquei arrepiada... juro que ele a odeia, odeia-a mesmo!

– Isso pode acontecer, quando um estudante de Medicina tem de casar com uma enfermeira para sobreviver – disse Smith em tom seco. – Não há igualdade intelectual e, depois de ele atingir os seus objectivos, ela torna-se um embaraço.

– És tão snobe.

– Não, pragmático. E tenho razão.

– Bom, talvez tenhas alguma razão, mas ainda assim é uma atitude cruel – disse Eliza com convicção. – Quer dizer, até na própria casa ela é excluída! Têm um torreão fantástico, com uma varanda com vista para o porto, e ele não a deixa ir lá acima! O que é aquilo, a câmara do Barba Azul?

– Evidência do desmazelo dela e da obsessão dele por ordem. Eu não te deixo entrar na cave, não te esqueças.

– E não ouvirás queixas minhas nesse aspecto, mas acho que és demasiado duro com os rapazes. Eles já passaram há muito a idade da destruição. Por que não os deixas ir lá abaixo?

Ele cerrou os maxilares e a sua expressão endureceu.

– Os rapazes estão permanentemente proibidos de ir à cave, Eliza.

– Nesse caso não é justo, porque passas lá em baixo todos os segundos livres que tens. Devias passar mais tempo com eles, portanto deixa-os partilhar a tua mania.

– Gostava que não te referisses a isto como uma mania!

Eliza mudou de assunto; ele ostentava agora aquela expressão obstinada, não ia dar-lhe ouvidos.

– Este homicídio é realmente um problema sério, Bob? Quer dizer, não pode de maneira alguma ter qualquer coisa a ver com o Hug.

– Eu concordo, querida, mas parece que a polícia pensa de maneira diferente – lamentou-se Smith. – Acreditas que tiraram as impressões digitais a toda a gente? Ainda bem que somos um laboratório de investigação. A tinta saiu bem com xileno.

*

Walt Polonowsky disse à mulher, em tom desagradável:

– Viste o meu casaco de xadrez encarnado?

Ela fez uma pausa nos seus afazeres na cozinha, com Mikey à anca e Esther agarrada à saia, e olhou para ele com um misto de desdém e exasperação.

– Por amor de Deus, Walt, não pode ser já outra vez época de caça! – retorquiu.

– Está mesmo ao virar da esquina. Vou lá acima à cabana este fim-de-semana, para a preparar... e isso significa que preciso do meu casaco e não consigo encontrá-lo porque não está no sítio dele.

– Nem tu. – Ela colocou Mikey na cadeirinha alta e Esther numa cadeira com uma almofada gorda, depois gritou a chamar Stanley e Bella. – O jantar está pronto!

Um rapaz e uma rapariga entraram a correr, gritando que estavam esfomeados. A mamã era uma grande cozinheira que nunca os obrigava a comer coisas de que não gostavam – nem espinafres, nem cenouras, nem couves, a menos que fosse em salada.

Walter sentou-se numa das extremidades da mesa comprida, Paola na outra, onde podia enfiar colheradas de papa na boca de Mikey, aberta como o bico de um pássaro, e corrigir as maneiras de Esther à mesa, que ainda estavam longe de ser perfeitas.

– A outra coisa que não suporto – disse, assim que começaram a comer –, é o teu egoísmo. Seria fantástico ter um sítio onde levar os miúdos no fim-de-semana, mas não, é a *tua* cabana, e nós ficamos a assobiar para o ar... Stanley, não estava a dar-te licença para assobiares!

– Tens razão quando dizes que a cabana é minha – respondeu ele friamente, cortando a excelente lasanha com um garfo. – O meu avô deixou-me a cabana, Paola... a mim, e apenas a mim. É o único sítio para onde posso fugir desta confusão!

– Da tua mulher e dos teus quatro filhos, é isso que queres dizer?

– Sim, é isso.

– Se não querias quatro filhos, Walt, por que é que não deste um nó nessa coisa? Não dancei o tango sozinha.

– Tango? O que é isso? – perguntou Stanley.

– Uma dança sexy – respondeu a mãe bruscamente.

Uma resposta que, por alguma razão inexplicável para Stanley, pôs o pai a rir às gargalhadas.

– Cala-te! – resmungou Paola. – Cala-te, Walt!

Ele limpou os olhos, pôs mais um pedaço de lasanha no prato de Stanley e reabasteceu também o seu.

– Vou para a cabana na sexta-feira à noite, Paola, e só volto segunda-feira de madrugada. Tenho uma tonelada de coisas para ler e Deus sabe que não consigo ler nada nesta casa!

– Se pelo menos largasses essa investigação estúpida e arranjas-
ses lugar num bom consultório particular, Walt, poderíamos viver
numa casa suficientemente grande para *doze* crianças sem destruir a
tua paz! – Tinha os olhos grandes e castanhos húmidos com lágrimas
de irritação. – Consequiste uma reputação fantástica por lidares com
todas essas doenças estranhas e maravilhosas com nomes de pes-
soas... Wilson, Huntington, não me peças que me lembre de
todos!... e eu sei que recebeste ofertas de consultórios privados em
sítios muito melhores do que Holloman... Atlanta, Miami, Houston...
sítios *quentes*. Sítios onde as empregadas domésticas são baratas. As
crianças podiam ter aulas de música, eu podia voltar à universidade...

Ele deu uma palmada violenta na mesa. As crianças ficaram em
silêncio, trémulas.

– E como é que sabes que eu tive ofertas, Paola? – perguntou em
tom ameaçador.

Ela empalideceu, mas enfrentou-o.

– Deixas as cartas por aí, estou sempre a encontrá-las em todo o
lado.

– E pelos vistos a lê-las. E ainda te admiras de eu ter de sair
daqui? A minha correspondência é particular, percebes? *Particular!*

Walt atirou com o garfo, empurrou a cadeira para trás e saiu
intempestivamente da cozinha. A mulher e os filhos seguiram-no
com os olhos, depois Paola limpou a cara suja de Mikey e levantou-
-se para ir buscar o gelado e a gelatina.

Havia um velho espelho na parede ao lado do frigorífico; Paola
apanhou um vislumbre do seu reflexo e sentiu as lágrimas transbor-
darem. Oito anos tinham sido suficientes para transformar uma
jovem cheia de vida e muito bonita, com um corpo fantástico, numa
mulher magra e vulgar que parecia mais velha do que realmente
era.

Oh, a alegria de conhecer Walt, de cativar Walt, de *caçar* Walt! Um médico extraordinariamente competente, tão brilhante que em pouco tempo seria rico. Não contara fora com o facto de Walt não ter a mínima intenção de abandonar a medicina académica – até um canalizador ganhava mais do que ele! E os filhos continuavam a aparecer. A única forma que tinha de impedir um quinto filho era pecar – Paola estava a tomar A Pílula.

Sabia que estas discussões eram totalmente destrutivas. Perturbavam as crianças, perturbavam-na a ela, e estavam a fazer com que Walt procurasse cada vez mais frequentemente a cabana – ela nunca a *vira*, sequer! Nem veria. Walt recusava-se a dizer-lhe onde era.

– Uau, gelado de caramelo! – gritou Stanley.

– Gelado de caramelo não combina com gelatina – disse Bella, que era a mais esquisita.

Pelos seus próprios padrões, Paola era uma boa mãe.

– Preferes a gelatina e o gelado em taças separadas, querida?

*

O Dr. Hideki Satsuma entrou no seu apartamento, na cobertura do edifício mais alto de Holloman, e sentiu o stress do dia deslizar-lhe dos ombros.

Eido viera para casa mais cedo do que ele, arranjara tudo tal como o seu mestre gostava, e depois descera dez andares até ao apartamento muito menos elegante onde vivia com a mulher.

A decoração era enganadoramente simples: paredes revestidas a cobre martelado; portas aos quadrados, de madeira preta e papel delicado; um biombo muito antigo, com desenhos de mulheres inexpressivas, de olhos rasgados, com penteados armados e sombrinhas delicadas; um simples pedestal de pedra negra polida, sobre o qual estava uma flor perfeita numa jarra Steuben; soalhos brilhantes de madeira negra.

O jantar, *sushi* frio, estava posto na mesa lacada a preto colocada num vão rebaixado e, quando se dirigiu ao quarto, encontrou o seu quimono aberto sobre a cama, vapor a erguer-se do *jacuzzi* e o *futon* aberto.

Limpo, alimentado e relaxado, aproximou-se então da parede de vidro que dava para o pátio e ficou parado a absorver a sua perfeição. Construí-lo representara uma grande despesa, mas o dinheiro era um bem com o qual Hideki não tinha de se preocupar. Era tão belo, dentro do apartamento, onde em tempos fora uma área aberta de jardim no telhado. Do lado do pátio, as paredes eram transparentes. O conteúdo do mesmo era escasso, ao ponto de ser austero. Alguns *bonsai* de coníferas, um alto cipreste de Hollywood crescendo numa espiral dupla, um *bonsai* de ácer japonês incrivelmente antigo, talvez duas dúzias de rochas de vários tamanhos e feitios e seixos multicolores dispostos num padrão complexo que não se destinava a ser pisado. Aqui as forças do seu universo privado uniam-se da forma mais apropriada ao seu bem-estar.

Mas, esta noite, com as pontas dos dedos ainda a cheirarem levemente a xileno ao seu nariz extraordinariamente sensível, Hideki Satsuma olhou para o pátio com a certeza de que o seu universo privado fora abalado nas fundações; tinha de alterar a posição dos vasos, das pedras, dos seixos, para neutralizar este desenvolvimento profundamente perturbante. Um desenvolvimento que estava fora do seu controlo, dele que tinha uma necessidade de controlar tudo. Ali... ali, onde aquele regato cor-de-rosa serpenteava entre os seixos de jade cintilantes... E ali, onde a pedra cinzenta aguda se erguia como a lâmina de uma espada em frente da curva terna e vulvar da pedra vermelha fendida... E ali, onde a dupla espiral do cipreste de Hollywood se afunilava em direcção ao céu... De súbito estava tudo errado, tinha de começar de novo.

Pensou melancolicamente na sua casa de praia na ponta de Cape Cod, mas o que lá acontecera recentemente exigia um período de recuperação. Além disso, a viagem era demasiado longa, mesmo

no seu *Ferrari* cor-de-vinho, pelos ermos nocturnos. Não, essa casa tinha um objectivo diferente e, embora estivesse ligada à deslocação do seu universo, o epicentro da perturbação estava no seu pátio de Holloman.

Poderia esperar até ao fim-de-semana? Não, não podia. Hideki Satsuma pressionou a campainha que chamava Eido.

*

Desdemona irrompeu pelo seu apartamento, no segundo andar de um prédio de três apartamentos em Sycamore Street, perto do Buraco. A sua primeira paragem foi na casa de banho, onde preparou um banho quente e se livrou dos vestígios da caminhada de três quilómetros até casa. Depois entrou na cozinha, abriu uma lata de guisado irlandês e outra de arroz-doce; Desdemona não era boa cozinheira. Os olhos, que surpreenderam Carmine por achá-los bonitos, não repararam no linóleo picado nem no papel de parede a descolar aos cantos; Desdemona não vivia para confortos materiais.

Finalmente, vestida com um roupão de flanela axadrezada, de homem, dirigiu-se à sala, onde o seu adorado trabalho se encontrava num grande cesto de verga em cima de uma mesinha ao lado da sua poltrona preferida, em cujas molas partidas nem reparou. Franziu a testa, enfiou a mão no cesto e procurou o longo pedaço de seda onde estava a bordar um pano de aparador para Charles Ponsonby – deixara-o logo em cima, não deixara? Sim, deixara, tinha a certeza disso! Não havia caos na vida de Desdemona Dupre; tudo tinha o seu lugar e residia nele. Mas o bordado não estava ali. Em vez disso, encontrou uma pequena bola de cabelos pretos, curtos e frisados. Pegou-lhe e estudou-a. Nesse momento viu o seu pano, com os vermelhos quentes, caído no chão por trás da poltrona.

Largou os cabelos, apanhou o bordado e abriu-o para ver se sofrera algum dano, mas, embora um pouco amarrotado, estava intacto. Que estranho!

Depois, ao ocorrer-lhe a resposta, pressionou os lábios. Aquele senhorio bisbilhoteiro que vivia no apartamento de baixo andara a meter o nariz onde não era chamado. Mas que podia fazer em relação a isso? A mulher dele era tão simpática; e ele também, à sua maneira. E em que outro local encontraria um apartamento completamente mobilado por setenta dólares por mês, num bairro seguro? Os cabelos foram para o caixote do lixo na cozinha e Desdemona instalou-se, com os pés debaixo do corpo, na grande poltrona, para continuar aquilo que, secretamente, considerava ser o melhor bordado que alguma vez fizera. Um padrão curvo e complicado de vários tons de vermelho, do rosado ao quase negro, num fundo de seda cor-de-rosa claro.

Mas que se lixasse o senhorio! Merecia que lhe montasse uma armadilha.

*

Tamara estava cansada do quadro, a sua imaginação incapaz, pela primeira vez, de imaginar um rosto suficientemente feio, suficientemente aterrorizador. Surgiria, mas não esta noite. Não tão pouco tempo depois do desastre desse dia. Aquele polícia insolente, Delmonico, o seu passo impetuoso, os ombros tão largos que faziam com que parecesse muito mais baixo do que era, o pescoço tão largo que, noutra pessoa qualquer, a cabeça pareceria mirrada – mas não a dele. Era enorme. E contudo, por mais que tentasse, de olhos fechados e dentes cerrados, não conseguia imaginar o rosto dele com uma fisionomia porcina. E, depois de ele a ter feito faltar ao seu compromisso, queria muito pintá-lo como o porco mais feio de toda a Criação.

Não conseguia adormecer, e que mais lhe restava para fazer? Ler um dos seus policiais pela milionésima vez? Deixou-se cair numa grande poltrona de cabedal magenta e estendeu a mão para o telefone.

– Querido? – perguntou, quando uma voz ensonada atendeu.

– Já te disse para nunca me ligares para aqui!
Clique. A linha voltou ao sinal de chamada.

*

Cecil estava deitado na cama, com a face apoiada no belo seio de Albertia, tentando esquecer o terror de Jimmy.

*

Otis escutava o *bip-bip* ritmado do seu próprio coração, com as lágrimas a escorrerem pelo rosto enrugado. Não podia voltar a pegar em tijolos de chumbo, a enfiar cilindros de gás num carrinho de mão, a empurrar gaiolas para dentro do elevador. De quanto seria a sua pensão?

*

Wesley estava demasiado excitado e feliz para conseguir dormir. Como Mohammed se endireitara ao ouvir a notícia! De súbito, o aspirante pacóvio da Luisiana ganhara importância; ele, Wesley le Clerc, recebera a incumbência de manter Mohammed el Nesr informado sobre o homicídio de uma mulher negra no Hug. Estava a caminho do topo.

*

Nur Chandra exilara-se na sua vivenda, onde apenas ele e o seu criado, Misrarthur, alguma vez entravam. Estava sentado, de pernas cruzadas, mãos nos joelhos com as palmas voltadas para cima, cada dedo posicionado de modo preciso. Não dormia, mas também não estava acordado. Estava num local diferente, num plano diferente. Havia monstros para banir, monstros terríveis.

*

Maurice e Catherine Finch estavam sentados na cozinha, a estudarem as contas.

– Cogumelos uma ova! – disse Catherine. – Custam mais do que aquilo que vais ganhar com eles, Maurie, e as minhas galinhas não os vão comer.

– Mas é uma coisa diferente para fazermos, querida! Tu própria disseste que escavar o túnel tinha sido um bom exercício e, agora que está feito, o que temos a perder se tentarmos? Variedades exóticas, para algumas lojas exclusivas de Nova Iorque.

– Vai custar uma data de dinheiro – disse ela teimosamente.

– Cathy, não estamos assim tão apertados! Não temos filhos... por que havemos de nos preocupar com o dinheiro? O que é que as tuas sobrinhas e os meus sobrinhos vão fazer com esta propriedade, hã? Vendê-la, Cathy, vendê-la! Por isso vamos divertir-nos com ela ao máximo enquanto podemos.

– Está bem, está bem, planta lá os teus cogumelos! Mas depois não digas que eu não te avisei!

Ele sorriu e apertou-lhe a mão áspera.

– Prometo que não me queixarei se falhar, mas não acredito que isso vá acontecer!